

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

JESSICA QUEIROZ DE SOUZA

CAPS LOCK: O EFEITO DE GRITO EM COMENTÁRIOS SOBRE A MULHER

CÁCERES-MT

2020

JESSICA QUEIROZ DE SOUZA

CAPS LOCK: O EFEITO DE GRITO EM COMENTÁRIOS SOBRE A MULHER

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Silvia Regina Nunes.

CÁCERES-MT

2020

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

S719c	<p>SOUZA, Jessica. Caps Lock: O Efeito de Grito em Comentários Sobre a Mulher / Jessica Souza – Cáceres, 2020. 79 f.; 30 cm.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020. Orientador: Sílvia Regina Nunes</p> <p>1. Caps Lock. 2. Funcionamento Prosódico. 3. Comentários. 4. Análise de Discurso. 5. Efeito de Grito. I. Jessica Souza. II. Caps Lock: O Efeito de Grito em Comentários Sobre a Mulher CDU 801</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

JESSICA QUEIROZ DE SOUZA

CAPS LOCK: O EFEITO DE GRITO EM COMENTÁRIOS SOBRE A MULHER

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvia Regina Nunes
Orientadora – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Eliana de Almeida
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Guilherme Adorno de Oliveira
Avaliador Externo – (PPGCL/UNIVÁS)

APROVADA EM: 05/05/2020

À minha mãe, meu filho, meu pai e meu irmão.
Por todo suor e lágrimas derramados por mim, por nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que se fez presente em todos os momentos, a maioria deles não fisicamente, mas sempre permeando meus pensamentos e me dando força somente pela sua existência;

Ao meu filho, Carlos Eduardo, motivo maior de todo meu envolvimento com o mundo acadêmico.

À meu pai e meu irmão, que mesmo com poucas palavras trocadas nesse caminhar souberam transmitir a energia mais positiva muitas vezes apenas pelo olhar;

À minha orientadora, Silvia Regina Nunes, que me acompanhou, orientou do modo mais afetuoso, que fez com que esse afeto me atravessasse não somente pela pessoa mas também pela teoria, e devo dizer que não foi somente uma orientação a nível profissional, pois o laços e a admiração ultrapassaram a vida acadêmica;

Aos meus amigos de graduação, Alessandra, Lucas e Marielly, que mesmo separados pelos distintos afazeres sempre se fizeram presentes;

Aos meus amigos companheiros de PPGL, Cris, Magno, Keila, Cleiton, Vagner, Edineth, Neures, Iza, Hélio, Welliton, Orilzo e Isael, pelos cafés, pelas conversas, pelos momentos de teoria e diversão, me sinto agradecida.

À Kamila, Lalisca, Mariane e Ethienny que fizeram parte da minha trajetória, proferindo sempre as melhores palavras de conforto e afeição.

Aos professores que nos concederam a honra de tê-los compondo a banca avaliadora desse trabalho, Eliana de Almeida e Guilherme Adorno. Suas considerações e reflexões acerca do nosso trabalho foram essenciais para o efeito de fecho, me senti acolhida em cada palavra proferida.

Ao PPGL que sempre muitos prestativos nos ajudaram em todas as problemáticas burocráticas durante esses dois anos;

À UNEMAT, por ter sido meu lar durante a graduação e o mestrado, que me fez ser uma outra pessoa, pois existe uma Jessica antes e outra depois da UNEMAT.

À APG, fruto de articulações conjuntas com os amigos da Pós-Graduação, que me fez engajar mais nas lutas por uma Universidade PÚBLICA GRATUITA E DE QUALIDADE.

À CAPES que mesmo diante de um (DES)governo que inviabiliza a pesquisa, pude me manter realizando a pesquisa na cidade de Cáceres, tendo o contato com a vida acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho se inscreve na Área de Concentração dos Estudos de Processos Linguísticos e na Linha de Pesquisa de Estudos de Processos Discursivos do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT. O *corpus* de pesquisa foi constituído por comentários sobre mulheres recortados de materiais (reportagem e *posts*) em circulação no *site* de notícias G1 e no *Instagram*. O objetivo foi compreender o movimento de sentidos nos espaços enunciativos informatizados (GALLO, SILVEIRA, 2017), a partir da análise do funcionamento da Caps Lock em comentários sobre mulheres. Para empreender a análise, formulamos as seguintes questões: Como são produzidos efeitos de sentidos nos espaços enunciativos informatizados? De que modo esses efeitos de sentido se materializam na cadeia significativa da língua? Para responder essas questões, iniciamos o percurso de pesquisa através da retomada dos estudos de Saussure e Pêcheux para mostrar o deslocamento empreendido pela Análise de Discurso acerca da concepção de língua. Seguimos com a sustentação das pesquisas realizadas por Solange Gallo (1992) sobre o Discurso de Escrita e o Discurso de Oralidade, para então chegarmos aos estudos mais recentes sobre a Escritoralidade, o qual subsidia nossa pesquisa sobre o movimento de sentidos nos espaços enunciativos informatizados. A partir desse aparato teórico, historicizamos as condições de produção da Caps Lock desde e realizamos análises do *corpus* de pesquisa buscando descrever e interpretar a materialidade linguística da Caps Lock, através da relação entre a formulação escrita e seu funcionamento prosódico. Após o processo de pesquisa e de escrita dessa dissertação, compreendemos que o funcionamento prosódico da Caps Lock produz efeitos de grito nos espaços enunciativos informatizados.

Palavras-chave: Caps Lock. Funcionamento Prosódico. Comentários. Análise de Discurso. Efeito de Grito.

ABSTRACT

This work is part of the Concentration Area of Studies in Linguistic Processes and the Research Line of Studies in Discursive Processes of the Post-Graduate Program in Linguistics at UNEMAT. The research corpus was made up of comments on women cut out of materials (reports and posts) in circulation on the G1 news site and Instagram. The objective was to understand the movement of senses in the computerized enunciative spaces (GALLO, SILVEIRA, 2017), from the analysis of Caps Lock's functioning in comments on women. To undertake the analysis, we formulated the following questions: How are sense effects produced in computerized enunciative spaces? How do these sense effects materialize in the significant language chain? To answer these questions, we began the research journey by taking up the studies of Saussure and Pêcheux to show the displacement undertaken by Discourse Analysis about the conception of language. We followed up on the research carried out by Solange Gallo (1992) on the Written Discourse and the Orality Discourse to arrive at the most recent studies on Writing, which subsidizes our research on the movement of senses in computerized enunciative spaces. From this theoretical apparatus, we historicize the conditions of Caps Lock's production since and carry out analyses of the research corpus seeking to describe and interpret the linguistic materiality of Caps Lock, through the relationship between the written formulation and its prosodic functioning. After the research and writing process of this dissertation, we understand that the prosodic functioning of Caps Lock produces screaming effects in computerized enunciative spaces.

Keywords: Caps Lock. Prosodic operation. Comments. Discourse Analysis. Scream Effect.

FIGURAS

Figura 1 – Matéria acessada em 20/07/2017. Fonte:G1.....	35
Figura 2 – Matéria acessada em 04/04/2019. Fonte:G1.....	36
Figura 3 - Instagram e sua evolução - Fonte: medium.com.....	37
Figura 4 - Controle de Comentários - Fonte: Print da página pessoal do Instagram.....	39
Figura 5 – Controle de Comentários - Fonte: Print página pessoal do Instagram.....	39
Figura 6 - Caixas de prensas manuais - Fonte: TecMundo.....	44
Figura 7 - Evolução da Caps Lock - Fonte: TecMundo.....	45
Figura 8 - Caps Lock Key - Fonte: Dicionário de informática e internet.....	46
Figura 9 - Caps Lock - Fonte: Wikipédia.....	47
Figura 10 - Meme " Caps Lock é mais ou menos assim..." - Fonte: adrenaline.uol.....	55
Figura 11 - Meme " Tira do Caps Lock pra falar comigo" - Fonte: Blogspot.....	56
Figura 12 - Conversa WhatsApp - Fonte: Blog "Ah Negão".....	60
Figura 13 - Conversa em comentários - Fonte: BuzzFeed.....	61
Figura 14 - Comentários G1 - Fonte: G1.....	63
Figura 15 - Comentários G1 - Fonte G1.....	63
Figura 16 -Figura 16 - Post Instagram @vejanoInsta - Fonte: Instagram Revista Veja @vejanoinsta.	65
Figura 17 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	66
Figura 18 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	66
Figura 19 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	66
Figura 20 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	66
Figura 22 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	67
Figura 21 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	67
Figura 23 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	67
Figura 24- Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - AS RELAÇÕES DE ENTREMEIO NA AD: DE SAUSSURE A PÊCHEUX	13
1.1 PARTINDO DE SAUSSURE.....	13
CAPÍTULO II - PENSANDO UM POUCO MAIS SOBRE A ESCRITA	23
2. 1. DA ESCRITA PARA A ESCRITORALIDADE.....	23
CAPÍTULO III - AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS ENUNCIATIVOS INFORMATIZADOS PARA O FUNCIONAMENTO DA CAPS LOCK	32
3. 1. G1: O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO	33
3. 1. 1. OS COMENTÁRIOS NAS MATÉRIAS DO G1	34
3. 2. O INSTAGRAM E SUA TRANSFORMAÇÃO “GRITANTE”	36
3. 2. 1. OS COMENTÁRIOS NO INSTAGRAM	38
3. 3. TENHA MODOS! SOB A INJUNÇÃO DA NETIQUETA.....	40
3. 3. 1. HISTORICIZANDO A CAPS LOCK	43
3. 4. CAPS LOCK E CAIXA ALTA: EFEITOS DE SENTIDO ENTRE AS DUAS NOMENCLATURAS	45
CAPÍTULO IV - A ESCRITA E A ORALIDADE NA ORDEM DA LÍNGUA: A ESCRITORALIDADE E O EFEITO DE GRITO	50
4.1 A PROSÓDIA SIGNIFICANDO NO DISCURSO DA ESCRITORALIDADE	52
4.2 SOBRE A MATERIALIDADE DO GRITO	53
CAPÍTULO V – O DISCURSO SOBRE AS MULHERES EM CAPS LOCK: UM GESTO DE ANÁLISE	62
5.1 ALINHAVANDO COMPREENSÕES:.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

As sementes dessa pesquisa foram plantadas antes mesmo da pós-graduação, ainda no período de estágio no final da graduação em Letras na UNEMAT. No período do Estágio Curricular, queríamos fazer algo diferente do que era proposto na maioria das vezes pelo curso de Licenciatura em Letras, como o ensino de gramática, por exemplo, então pensamos em trabalhar coisas das quais gostávamos, e, em decorrência disso, finalizamos a monografia, que se inscrevia na Análise de Discurso. Resolvemos que iríamos tentar colocar em prática aquilo que havíamos estudado na teoria, como também proporíamos temas que nos dessem maior abertura para a prática pedagógica, cujo assunto estávamos compreendendo pela/na Análise de Discurso.

Durante a pesquisa dos materiais para o estágio visitamos várias páginas na internet. No começo queríamos trabalhar com *posts* que tivessem marcados na formulação verbal essa violência contra a mulher, e encontramos comentários peculiares que mostravam não só essa violência verbal, mas como o machismo resulta dessa violência, o que nos fez selecionar comentários machistas e misóginos (o que não deixa de ser um tipo de violência).

Dando desfecho ao estágio, problematizamos os comentários nas aulas práticas e os alunos se identificaram com o material trabalhado, a participação deles foi muito satisfatória, e a produção decorrente das aulas também. Mas percebemos que esses comentários não tinham sido explorados analiticamente, havia algo que queríamos estudar com mais afinco, foi aí que decidimos fazer o projeto de mestrado a respeito desses comentários.

Inicialmente, nosso objetivo era analisar apenas os comentários do Portal de Notícias da Globo – G1 e do Instagram, o que seria mais direcionado à pesquisa sobre a mulher, que se inscrevia num projeto de pesquisa mais amplo, coordenado por nossa orientadora. Contudo, como veremos adiante, a partir da análise de uma matéria jornalística do G1, cujo assunto versa sobre uma mulher que ganhou um prêmio por sua atuação como pesquisadora, além dos comentários de cunho machista e misóginos identificamos outro funcionamento peculiar materializado na estrutura da língua. Nesse processo, descartamos outros materiais, pois demandaria outra pesquisa, e então percebemos que havia algo funcionando de forma diferente em um comentário sobre a pesquisadora mencionada na reportagem e que já havíamos percebido em outros comentários, de outros sites, ou seja, uma regularidade na cadeia linguística. Então, ao longo da pesquisa selecionamos outros comentários realizados no

Instagram com o mesmo funcionamento. O que nos demandou a atenção nessa fase exploratória de composição do *corpus*? Um funcionamento peculiar da formulação verbal em letra maiúscula: Caixa Alta/Caps Lock.

Esse funcionamento, que até então não sabíamos o que era direito, e então chamávamos de Caps Lock, sem problematizar o sentido desta palavra, mas imaginávamos - sempre imaginamos - que essa Caps Lock era como se alguém QUE DIGITASSE TUDO EM MAIÚSCULO ESTIVESSE GRITANDO. E foi em uma aula de fonética e fonologia que começamos a pensar a respeito, tirar dúvidas com o professor, e então fizemos a relação entre fonética e fonologia e a Análise de Discurso para pensar neste funcionamento da Caps Lock.

Pensamos nas possibilidades de funcionamento do som através da escrita, nas condições de produção que marcam o material, e nas formas de compreensão desse objeto de pesquisa, para entender o seu funcionamento, através do batimento teórico entre descrição e interpretação.

No primeiro capítulo, buscamos compreender esse funcionamento discursivo da prosódia, mostrando um deslocamento em relação à abordagem estrutural da fonética e fonologia, comumente realizada. Para isso, descrevemos o modo como Pêcheux propõe um deslocamento para a noção de língua (partindo da abordagem estruturalista de Saussure), através da relação entre função e funcionamento, bem como para a noção de significante, no modo como apresenta o campo de estudos da Análise de Discurso.

No segundo capítulo, procuramos compreender a escrita para a Análise de Discurso, através do percurso de pesquisa de Solange L. Gallo (1992, 2011, 2015), cujo trabalho versa sobre o Discurso de Escrita, escrita essa legitimada pelas instituições, até chegar ao Discurso da Escritorialidade, que aborda a escrita digital. Posteriormente, pudemos pensar nesta prosódia se significando no discurso de escritorialidade.

No terceiro capítulo, descrevemos e analisamos as condições de produção das duas mídias sociais, o G1 e o Instagram, das quais recortamos nosso objeto de estudo.

No quarto capítulo, entramos no campo da prosódia compreendendo o modo como essa funciona na escritorialidade através da Caps Lock, partindo de alguns estudos sobre prosódia e análise de discurso, até chegarmos ao efeito de grito.

No quinto capítulo, analisamos os comentários que nos serviram de base para essa pesquisa, e que nos fizeram problematizar o funcionamento prosódico na escritoralidade, em sua relação com os comentários sobre as mulheres nas mídias sociais. E então pudemos compreender um pouco mais deste funcionamento prosódico, o que nos fez propor a seguinte pergunta de pesquisa: Como é produzido o efeito de grito nos espaços enunciativos informatizados? De que modo esse efeito de grito se materializa na cadeia significante da língua?

CAPÍTULO I - AS RELAÇÕES DE ENTREMEIO NA AD: DE SAUSSURE A PÊCHEUX

Neste capítulo, tratamos de questões que relacionam os estudos saussurianos e a Análise de Discurso.

Pretendemos compreender o modo como Pêcheux (1995), em seu gesto de interpretação sobre a linguística saussuriana, promove deslocamentos para a constituição da Análise de Discurso. A partir dessa compreensão, buscamos relacionar os estudos que Lacan e Milner também realizaram sobre a Linguística.

1.1 PARTINDO DE SAUSSURE

O sujeito é instado a interpretar desde que nasce. Nas mais diversas condições de existência, somos convocados a atribuir sentidos a tudo que vemos, tocamos e sentimos. Por sermos seres simbólicos e constituídos em sujeito pela e na linguagem (ORLANDI, 2008, p. 9), nosso desejo de formular palavras para descrever até mesmo a mais indescritível “coisa”, é, por vezes, suprida por instrumentos e formas diferenciadas de linguagem, sejam verbais, imagéticas, orais ou escritas. Busca-se materializar o imaterializável, colocar forma ao que até então é intangível. Dizer de modo completo um tudo que é da ordem do impossível. Por isso, nos inscrevemos nos estudos da linguagem, tensionados entre a teoria e a análise, buscando perseguir os indícios dessa aventura dos e nos sentidos e sujeitos.

O gesto fundador de constituição da Linguística Geral foi de Ferdinand Saussure, e, a partir da constituição da ciência da linguagem, muitos outros estudiosos tomaram como base seu livro Curso de Linguística Geral (doravante CLG) para desenvolverem suas pesquisas. O CLG¹ não foi escrito especificamente por Saussure, mas trata-se de uma compilação de suas aulas que foi realizada por seus alunos, a partir do curso ministrado em Genebra.

A partir de então, surgiram vários estudos que tiveram sustentação nos textos atribuídos a Saussure, que também provocaram muitos estudiosos da linguagem e até mesmo fora dela, como é o caso de Michel Pêcheux, filósofo por formação e assíduo leitor do linguista genebrino. Podemos compreender isso em seu texto “Sobre a (des)construção das teorias

¹ Vale ressaltar aqui, que toda vez que falarmos em Saussure acerca do seu famoso Curso de Linguística Geral, estaremos atribuindo a leitura realizada de Saussure por seus alunos, que organizaram o livro. Em alguns momentos trazemos também os Escritos de Linguística Geral, que são anotações encontradas posteriormente a morte de Saussure.

linguísticas²”, em que faz um apanhado geral sobre a história da linguística, sobre o antes e depois de Saussure.

De acordo com Pêcheux, as diferentes interpretações realizadas após a leitura do CLG se esfacelaram em diferentes direcionamentos, como é o caso do início dos estudos fonológicos, no início dos anos 20, após o círculo de Praga, e o desenvolvimento das investigações abertas à escrita literária (PÊCHEUX, 1998, p. 10).

O que nos interessa, no âmbito deste trabalho, são os estudos realizados por Pêcheux, em meados da década de 60, no que concerne ao:

Aparecimento na França de uma nova corrente filosófica, epistemológica e politicamente bastante heterogênea, mas que constituiu seu espaço pela referência a três nomes fundadores e à (re)leitura de suas obras: Marx, Freud, e ... Saussure. (PÊCHEUX, 1998, p. 11)³

A contribuição acerca das leituras realizadas de Saussure para essa nova “corrente filosófica” fez com que Pêcheux observasse algumas possibilidades que muitos não enxergavam, até por se tratar de uma época em que os estruturalistas bebiam da fonte da linguística para transferir conceitos para quase todo tipo de área, conforme assevera Henry (2010, p. 27):

No estruturalismo, os conceitos e os métodos linguísticos foram simplesmente transferidos para outros campos sem ter sofrido reelaborações fundamentais. Ao fazer isto, os estruturalistas se comportaram de modo semelhante aos nossos medidores de cérebro.

O que podemos destacar é que essa transferência, citada por Henry, foi reducionista, e que Michel Pêcheux, a partir das releituras realizadas de Saussure, Marx e Freud realizou deslocamentos no modo de compreensão da linguística, para então constituir a Análise do Discurso de linha francesa, articulando, então, a tríplice aliança formada pelo materialismo histórico com Karl Marx e a releitura realizada por Althusser, e da Psicanálise, através da releitura de Freud por Lacan.

² Texto publicado em português na revista “Línguas e Instrumentos Linguísticos” n° 2 (julho- dezembro, 1998) revista impressa.

³ Convém citar aqui, que anterior à essa formação dada como tríplice aliança, Pêcheux e Fuchs na obra intitulada “Análise Automática de Discurso (AAD69)” *compreendem essa formação composta por: “1. Materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (...) a psicanálise não aparece aqui como um quarto termo, mas como algo que atravessaria as três regiões do conhecimento destacadas.”* (BALDINI; RIBEIRO, 2014, p. 163)

Em contraponto com o que os estudiosos da linguagem no período pré-saussuriano estavam fazendo, Michel Pêcheux considera que os trabalhos atribuídos a Saussure realizaram um marco profundo nos estudos da linguagem, como o CLG, no qual afirma que para Saussure “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2012, p. 47) que coloca em relação aos ritos simbólicos, ao alfabeto dos surdos-mudos, destacando a sua importância, acima de todos os sistemas citados, e que segundo Pêcheux,

Por meio dessa definição, Saussure opera uma dupla divisão: opõe *um* sistema semiológico (“o mais importante”: a língua) ao *conjunto* de todos os sistemas semiológicos que são pensados como tendo um estatuto científico potencialmente equivalente, e entra no campo da teoria regional do significante. Mas há uma outra oposição que é evocada por Saussure por meio do termo instituição: ela lhe permite separar os sistemas institucionais jurídico, político etc. da série dos sistemas institucionais semiológicos, e excluí-los pura e simplesmente do campo da teoria regional em questão. (PÊCHEUX, 2010, p. 69, grifos do autor).

As leituras realizadas sobre Saussure permitem compreender que a compreensão do linguista sobre a língua tinha-se apenas a uma concepção de objeto científico homogêneo para os estudos semiológicos, explicitando a dicotomia⁴ língua e fala, mais conhecida como o corte saussuriano:

Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1 – o que é social do que é individual; 2- o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação [...]. A fala é ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1- as combinações pelo qual o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2- o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2012, p. 45)

De acordo com o CLG, Saussure desfaz o que é tido, até então, como língua, que seria apenas um aglomerado de palavras que dão nome as coisas, e que segundo o linguista essa concepção chega a ser simplista, e precede até mesmo a existência da palavra. Mas através dessa “prematura” afirmação diante do conceito de língua, Saussure passou a estudá-la mais a fundo, no intuito de confrontar o que estava posto, e que o fez afirmar que a língua é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 2012, p. 41). Adiante, o linguista genebrino desenvolve a noção de signo: “O Signo linguístico une não

⁴ No campo das dicotomias saussurianas, antes mesmo da separação de língua e fala Saussure diferencia língua e linguagem, que segundo ele a língua “não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela (...). (SAUSSURE, 2006, p. 17)

uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (Saussure, 2006, p. 80). Ao realizar essa diferenciação e mexer com os sentidos já estabilizados pelos estudiosos da linguagem da época, os estudos atribuídos a Saussure, através da noção de signo, mostram essa unidade linguística e sua duplicidade, que é o signo composto por um conceito e uma imagem acústica. Em Seus escritos, ao falar sobre o “princípio de dualismo” do que refere-se ao signo, segundo os autores, Saussure afirma que:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciososa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo, de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato “mental” de significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado a outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo” mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal. (SAUSSURE, 2002, p. 24, grifos do autor)

Ao falar sobre o som, este relacionado à imagem acústica, Ferdinand Saussure afirma que os falantes não são capazes de reproduzir o som exatamente como ele é, mas a sua associação é realizada na medida em que há representação do som produzido. De acordo com o linguista, há um mecanismo psíquico que possibilita o reconhecimento desses sons, e que “sem movermos os lábios ou a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema”. (SAUSSURE, 2012, p. 106)

Saussure substituiu os termos utilizados, de conceito para significado e de imagem acústica para significante, realizando assim a separação entre significado e significante, descrevendo o funcionamento do signo linguístico que seria a língua como sistema de signos que “regulada pelo arbitrário, traduz esse constitutivo efeito de convenção que ‘as relações sociais’ impõe à linguagem” (GADET; PÊCHEUX, 2010, p. 56).

Esse “efeito de convenção” compreendido assim por Gadet e Pêcheux (2010) é apresentado por Saussure de acordo com essa arbitrariedade do signo, pois segundo o genebrino não existe uma determinação, uma motivação do significante em relação ao seu significado, o que existe é um nível de convenção que faz com que socialmente/culturalmente defina o sentido que cada palavra terá, ou que palavra determinada ideia seja atrelada a ela. Essa arbitrariedade pode ser pensada por exemplo (de uma forma bem simplificada): como um determinado objeto que em um país se nomeia de um modo, enquanto noutro país pode ser nomeado de outro jeito,

estariamos assim pensando em um signo constituído pela/na arbitrariedade sendo regulado por essa convenção posta pelas “relações sociais”.

Partindo dos estudos discursivos, considerando a subjetividade, a falha e a contradição, retomamos o ponto em que Gadet e Pêcheux (2010), citados anteriormente, colocam em questão o “efeito de convenção” para pensar a arbitrariedade do signo linguístico em sua relação com o social. Supõe-se que ao se submeter à convencionalidade do signo de acordo com as relações sociais, temos então um imaginário de que, por exemplo, uma certa “coisa” nomeada de acordo com essas convenções é então aceita por uma sociedade/nação a qual ela pertence, e o arbitrário se daria na medida em que isso fosse diferenciado por outras sociedades/nações que não essa.

Mas então fica a questão abandonada por Saussure, a fala, que podemos pensar mais profundamente a partir do sujeito em função do individual (lugar que cabe a fala de acordo com Saussure), que entra em choque com essa homogeneidade posta em cada grupo definido por essa divisão de relações sociais. Essa convenção de acordo com as relações sociais nada mais é do que uma espécie de normatização, que funciona como uma generalidade, mas que ao mesmo tempo ela se particulariza de acordo com cada sujeito, assim como na gramática que homogeneiza uma espécie de “norma” a ser seguida, e que sabemos que essa se torna subjetiva se levarmos para o lado particular de cada falante/nativo.

Pensando essa questão da convenção, veremos no capítulo posterior o modo como essa convenção se dá no âmbito da escrita e em como ela se desenvolve no digital a partir de alguns trabalhos realizados por estudiosos da Análise do Discurso no Brasil.

Retomando ao funcionamento linguístico no que concerne ao signo, a explicação de Lagazzi (2011) possibilita compreender melhor esse funcionamento:

A compreensão trazida pelo Curso é de que entre esses dois conceitos se estabelece uma relação biunívoca, com a indissociabilidade entre significado e significante. A unidade de referência, portanto, é o signo, e tanto significado quanto significante ficam localizados internamente ao signo (p. 500).

Dessa forma, podemos entender que, segundo a referida autora, “os conceitos ‘sistema’ e ‘signo’ permitiram que a língua, definida como um sistema de valores formado por signos fosse estudada como um conjunto fechado, no qual haveria total estabilidade entre os vários elementos – os signos – internos a esse sistema” (LAGAZZI, 2011, p. 500).

Para Gadet e Pêcheux (2010), no que concerne a noção de valor em sua relação com o signo linguístico

[..] equivale a conceber a língua como rede de “diferenças sem termo positivo”, o signo no jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade; conceber o não dito, o efeito *in absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma; o não dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma não finita do “não-tudo”***, efeito da alíngua; é pelo papel constitutivo da ausência que o pensamento saussuriano resiste às interpretações sistêmicas, funcionalistas, gestaltistas e fenomenológicas que, entretanto, elas não cessam de provocar. A revolução saussuriana provoca o esfacelamento da complementariedade. (GADET; PÊCHEUX, 2010, p.58)

Assim, a noção de valor linguístico, no modo como é compreendida por Gadet e Pêcheux (2010), mostra a possibilidade de uma abertura no sistema linguístico em que o funcionamento relacional da língua adquire primazia. Segundo Lagazzi (2011, p. 502)

Essa definição de valor pela negatividade é de uma agudeza e consequência ímpar! Valer por “aquilo que os outros não são” nos obriga, necessariamente, a desfocar do interior de um elemento para olhar para o conjunto dos elementos em suas diferenças. Uma característica só importa na diferença com outras! É uma maneira efficientíssima de nos obrigarmos a nos despregar do conteúdo e colocar em movimento o caráter relacional em um conjunto aberto. Este é outro ponto muito importante: a noção de sistema fica recusada, justamente pelo fechamento que imobiliza qualquer possibilidade de deslocamento.

Saussure, apesar de estar trabalhando em aulas que, mais tarde, comporiam o Curso de Linguística Geral, se dividia em estudar os anagramas, e Gadet e Pêcheux (2010) perguntam: existiriam dois Saussure? O que fica, diante das questões postas em *La langue Introuvable*, é a total divisão de um sujeito entre duas ordens de mundos. O que Saussure ainda não sabia é que essa divisão iria produzir deslocamentos na concepção de língua.

Para Milner⁵, o que poderia ir contra a noção de signo seriam os mesmos anagramas estudados por Saussure, pois, segundo ele: “o anagrama renega o signo saussuriano” (MILNER, 2012, p. 86), uma vez que, de acordo com o autor, os anagramas se situam no lugar apenas do sentido e não do significado, além de não ser arbitrário, pois os anagramas possuem uma identidade própria, que não se relaciona de maneira opositiva com nenhuma outra (ou seja, não é como o signo linguístico), os anagramas repousam apenas no que tange ao significante e a sua relação entre significantes.

⁵ Não entramos aqui no que apetece à Semântica no campo das dicotomias saussurianas, mas que para muitos deslocamentos fomentados por linguistas, como também Pêcheux, passaram também pelos deslocamentos provocados pela leitura de Benveniste, assim como de outros linguistas. Neste trabalho resolvemos focar na relação entre Saussure e Pêcheux para não desviarmos do foco e chegarmos ao objetivo de nosso procedimento de análise.

A partir da leitura de Saussure sobre a relação entre significante/significado, Jacques Lacan (1999) também realiza deslocamentos sobre essas noções, para então fomentar o campo da Psicanálise com os fundamentos teóricos da Linguística. Lacan, em sua exposição sobre a metáfora, afirma que “é na relação de um significante com um significante que vem gerar-se uma certa relação *significante*⁶ sobre o significado. A distinção entre os dois é essencial.” (LACAN, 1999, p. 37).

O modo como Lacan desloca o que até então é tido como uma relação fechada no sistema da língua entre um significante e um significado, faz com que se desconstrua a noção de categoria fechada à língua. Apesar da divisão realizada pelos trabalhos atribuídos à Saussure ser basilar para que esses deslocamentos sejam possíveis, o modo como é proposta a relação entre significante e significado se situa em um campo fechado dos sentidos no sistema da língua, ficando, assim, respaldado apenas no que tange à relação psíquica, entre o significante e o significado, como o todo da língua.

O diferencial que estamos postulando aqui é que, discursivamente, o significante não se prende ao significado, enquanto significação, mas no modo como o sentido se move por entre os significantes, independentemente do significado já posto e “fechado”, tornando possíveis outros sentidos, a partir de deslizamentos.

A respeito disso, Dezerto (2010) afirma que os deslizamentos realizados entre as palavras se dão através de uma propriedade da cadeia significante de passagem para outro elemento, o que faz com se crie uma conexão entre os significantes, o que Lacan designa como metonímia. Porém, a significação não se dá através dessa relação metonímica, pois de acordo com essa, sempre será apontado um outro significante, fazendo emergir o lugar da falta, em que, segundo o autor, o primeiro significante da cadeia é barrado⁷.

Nesse deslizar entre um significante e outro e na sua relação com a metáfora é que se configura a posição do sujeito, isto é, não somente a significação é realizada nessa relação entre significantes, mas juntamente com essa vem à tona a função sujeito. Neste momento Lacan, em sua releitura de Freud, pensando no sujeito afirma:

[..] poucas foram as palavras com que, por um momento, desconcertei meus ouvintes: penso onde não sou, logo sou onde não penso. Palavras que, para qualquer ouvido atento, deixam claro com que ambigüidade de jogo-do-anel

⁶ Grifos do autor.

⁷ Não iremos entrar afundo nessas questões em relação à metonímia para não desviarmos do foco traçado neste trabalho, sabendo que os estudos sobre essa questão abrangem outros teóricos não mencionados aqui, assim como Jakobson. Portanto, deixamos para outro momento essas discussões.

escapa de nossas garras o anel do sentido no fio verbal. (LACAN, 1998, p. 521)

Lacan refere-se ao estudo de Freud que desloca esse lugar de que o homem é um ser consciente e de plena vontade, partindo então para o ser do inconsciente, que para Lacan é o discurso do outro/Outro, no qual o desejo (ou a verdade, como ele coloca em seus escritos) vem a emergir através da linguagem.

A partir de leituras realizadas sobre língua e fala pela perspectiva saussuriana, cuja concepção se inscreve num sistema linguístico fechado em sua imanência, Michel Pêcheux promove um deslocamento explicitando o estatuto da língua através da relação entre função e funcionamento, o que permite pensar a língua não mais como meio de expressão (do sentido) ou como uma nomenclatura, e sim como “um objeto do qual a ciência pode descrever o funcionamento” (PÊCHEUX, 2010, p. 60).

Essa ruptura, mexendo com as estruturas tidas como estabilizadas, constitui o campo de estudos do discurso, que mais tarde será designado por Orlandi (2015) como disciplina de entremeio, o que retira a língua do seu lugar de reiteração de evidências, conforme podemos discernir em seu livro “Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio⁸”. Nessa obra, Pêcheux inicia o percurso sobre a semântica formal, questionando a *posteriori* suas evidências fundadoras, sobretudo a sua relação contraditória com a história:

(..) a língua como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à “história” e aos “sujeitos falantes” e essa contradição molda atualmente as pesquisas linguísticas sob diferentes formas que constituem precisamente o objeto do que se chama a “semântica”. (PÊCHEUX, 1995, p. 22)

Na continuidade de seu texto, Pêcheux ainda afirma que não é de sua intenção fundar uma nova tendência a fim de resolver essa contradição, e sim contribuir para o desenvolvimento desta com base no Materialismo Histórico, que segundo ele,

(...) uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se pode chamar as “práticas linguísticas” inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica social dada: com essa condição, torna-se possível explicar o que se passa hoje no “estudo da linguagem” e contribuir para transformá-lo, não repetindo as contradições, mas tomando-as como os efeitos derivados da luta de classes hoje em um “país ocidental”, sob a dominação da ideologia burguesa. (PÊCHEUX, 1995, p. 24).

⁸ Versão brasileira de “Les Vêritè de La Palice” (1975)

Pêcheux usa como exemplo, para falar das contradições que se situam na base material da história, a língua francesa, iniciando uma análise sobre o período da Revolução Francesa que visava instaurar uma língua nacional “pura” livre de qualquer “*patois*”, agregando ainda mais a classe burguesa, a qual estabelecia uma língua “homogênea” regida pelo poder jurídico-político que favorecia a sociedade capitalista. Pêcheux chama atenção para o fato de que o estudo com base no materialismo histórico não possui relação com a Sociolinguística ou a Etnolinguística, no que tange as diferenças dentro do sistema linguístico como as diferenças fonológicas por exemplo, mas sim no que diz respeito às diferenças de sentido com base nas barreiras de classe constituídas por uma ideologia dominante. Pêcheux, em seus estudos propõe:

(...) compreender como aquilo que hoje é tendencialmente “a mesma língua”, no sentido linguístico desse termo, autoriza funcionamentos de “vocabulário – sintaxe” e de “raciocínios” antagonistas; em suma, trata-se de pôr em movimento a contradição que atravessa a tendência formalista-logicista sob as evidências que constituem sua fachada. (PÊCHEUX, 1995, p. 26)

Através dessas questões basilares, Michel Pêcheux propõe um novo modo de compreender as contradições que permeiam a relação língua-sujeito-história, questionando as evidências que as escondem, regidas por uma ideologia dominante, que exercem o efeito de transparência, como se o sentido estivesse claro para todos. Dessa forma, a Análise de Discurso surge como um mecanismo de análise que reconhece a falha, a contradição a subjetividade na língua.

Sendo assim, a AD faz uma interlocução com a linguística, com essa interlocução ela questiona o que já está estabelecido, e abre a “ferida narcísica” que constitui a linguística, colocando o próprio jogo da língua em confronto com tudo que é afirmado pelos linguistas da época, pois a língua não é mais aquela em que tudo pode ser dito, a língua é falha e incompleta, no tudo dito o não todo está presente, não há um final produzido que feche o circuito, tudo pode ser dito de vários modos, um dizer sempre vai produzir sentido, ou sentidos, e sujeitos, na relação com as condições de produção.

A relação de um significante com outro está presente em tudo que faz sentido e que nos habita, os significantes podem ser uma palavra, um cheiro, um fonema... é aquilo que não cessa de se inscrever. Não é somente um sujeito interpelado por uma ideologia, mas também um sujeito constituído por significantes, estruturado na e pela linguagem, na qual a historicidade dos sentidos está presente.

Nessa direção, pensar a historicidade na Análise de Discurso nos remete ao real da história que é a contradição, e também ao real da língua, que é a incompletude, pois nada é definido por completo e de modo fechado, uma vez que a contradição aponta para impossibilidade de síntese, nas palavras de Lagazzi (2011).

Vale frisar que diante da afirmação de Pêcheux em *Materialidades Discursivas* (2016) quando afirma que “há um real da língua, há um real da história, há um real da psicanálise” Baldini e Ribeiro (2014) ressaltam que:

Nesse direcionamento, é necessário, portanto, considerar que a noção de real em Análise de Discurso não tem um direcionamento unívoco. Em certas passagens da obra de Pêcheux, o real é referido juntamente com os registros lacanianos do simbólico e do imaginário. Em outros momentos, o real é ligado à condição de existência dos campos da linguística, da história e da psicanálise e de seus objetos de conhecimento. A partir do trabalho singular de Pêcheux, introduz-se uma diferença em relação ao campo psicanalítico. (BALDINI; RIBEIRO, 2014, p.166-167)

Dessa forma, ao pensar o real da língua enquanto incompletude, compreendemos o real da história que é a contradição. Na relação entre a contradição e a incompletude se constitui o equívoco, conforme Lagazzi:

Tomar a contradição discursivamente é se dispor ao equívoco do acontecimento do significante na história, na análise dessa materialização. O equívoco é um fato de discurso, é a falha da língua na história, afirma Orlandi. Interessante também formular o equívoco como a contradição da história na língua. O real da língua e o real da história num trabalho de entremeio. Trabalhar a contradição é levar às consequências o fato de o social não ser um objeto sujeito a soluções, mas um espaço político tenso, de constante movimento de sentidos. (LAGAZZI, 2011, p. 03)

E é nesse constante movimento teórico-analítico, lugar em que a contradição se encontra com a incompletude, ponto em que o equívoco se mostra na e pela materialidade da língua, que nos colocamos também em movimento, sempre em constante mudança, aberta às equivocidades que o material de análise nos possibilita, e é neste percurso que nos encontramos, no batimento entre teoria e material, em que as possibilidades não cessam de se inscrever.

CAPÍTULO II - PENSANDO UM POUCO MAIS SOBRE A ESCRITA

Como pudemos ver, a língua para Saussure (de acordo com o CLG) é um sistema autônomo que funciona por ele mesmo, um sistema que toma a língua como sendo homogênea e que exclui tudo que é da fala e conseqüentemente do sujeito. Já para a Análise do Discurso a língua é um sistema passível de falhas, no qual o sujeito entra em um jogo juntamente com a fala compondo o discurso. Para Gallo (1992), ao estabelecer a dicotomia língua/fala,

Saussure estaria situando tanto a oralidade quanto a escrita no universo da fala. No entanto, vemos na própria definição de língua e fala que a “significação” estaria no domínio da fala, e no domínio da língua estaria o conceito de “valor” e “significado” (aquilo que designa sem ter sentido(s) determinado(s)). Assim o falante e a própria significação estariam na estância da fala. A língua, nessa perspectiva, embora possamos considera-la como produto (linguístico) do falante e do sentido, exclui o sentido e o falante. (GALLO, 1992, p. 40)

Entre todas as dicotomias apresentadas por Saussure, e reconhecidas pelos linguistas pós-saussurianos, há muitas contradições que reverberam no que toca a escrita e a oralidade. Ao falar sobre os signos, Saussure diz que a gramática e o dicionário são representações fiéis da língua, sendo ela “o depósito das imagens acústicas e a escrita a forma tangível dessas imagens” (SAUSSURE, 2012, p. 47).

Ao colocar a escrita como a forma da língua mais fiel, Saussure discorre sobre a importância de se estudar as línguas especiais, como a língua jurídica e científica, assim como também a língua literária e a corrente, fazendo relação com a esfera cultural e a língua falada, o que para nós leitores fica uma dúvida sobre tudo que foi dito anteriormente, já que a fala e o sujeito não são considerados, ao mesmo tempo ele coloca como importante estudar a língua e sua relação exterior, como a cultura. São os dois Saussure...

2. 1. DA ESCRITA PARA A ESCRITORALIDADE

Para entender o modo como a escrita se dá nas mídias sociais, doravante espaços enunciativos informatizados (GALLO; SILVEIRA, 2017)⁹ (no que tange os estudos

⁹ O conceito de espaços enunciativos informatizados é algo que vem sendo trabalhado por Gallo e Silveira (2017) e que, segundo as autoras, esses são espaços forjados na materialidade digital e normatizados também por critérios informais.

discursivos), precisamos compreender o modo como a escrita é compreendida pela Análise de Discurso, para isso utilizaremos o percurso de Solange Leda Gallo, que parte do Discurso da Escrita (1992) até chegar ao que a autora denomina como Discurso de Escritorialidade (2011). A autora, em sua tese de doutorado, que retoma um pouco do seu trabalho de mestrado, inicia seu percurso pensando a escrita relacionada ao efeito de textualização¹⁰:

Quando se firma que em uma primeira fase a escrita é autônoma, e que em uma fase posterior ela já é uma representação aproximativa da linguagem articulada e que finalmente ela passa a notar as palavras, sílabas e letras dessa linguagem articulada; todas essas afirmações, mesmo quando desenvolvidas de forma não, esquemática, produzem falsas evidências).

1ª – o trajeto natural da escrita (sua vocação) conduz a uma representação cada vez mais fiel da oralidade;

2ª – as palavras, sílabas e letras já existem (enquanto tais) na linguagem articulada e a escrita aos poucos vai aprimorando as formas de representá-las;

3ª – a escrita e grafismo são a mesma coisa. (GALLO, 1994, p. 91-92)

Para Gallo (1994), a escrita não é somente o que conhecemos empiricamente, como a própria diz, a escrita vem a ser confundida com grafismo. De acordo com a autora, a escrita engloba várias formas, dentre elas escrita pictográfica, ideográfica, gráfica e alfabética, sendo assim o grafismo vem a ser uma das muitas manifestações da escrita, como a autora mesmo diz “a escrita gráfica produz palavras, sílabas e letras, há outras formas de escrita, não necessariamente gráficas, onde tais noções não existem” (GALLO, 1994, p.27).

A autora traz em seu trabalho (GALLO, 1994) considerações sobre esse universo que abarca a escrita:

A escrita pode existir em um eixo que vai de mais pictográfica a mais gráfica, e sua posição dentro desse eixo varia no tempo e no espaço. Quanto mais gráfica, porém, mais fragmentada ela é. Ser mais fragmentada não significa, no entanto, ser uma representação fiel da linguagem articulada. O desenho, assim como a letra, não faz sentido porque representa algo, mas sim pelo seu papel discursivo. (GALLO, 1994, p. 93, grifo da autora)

¹⁰ Segundo a autora, o que nos é apresentado como “texto” como sendo algo homogeneizado, uno, completo, nada mais é do que um efeito de textualização que “nesta concepção, não há “TEXTO” enquanto objeto que tenha uma existência independente da prática de sua produção (ou de sua reprodução). Na verdade, é a prática de TEXTUALIZAÇÃO que produz o TEXTO. Essa prática pode ser remobilizada indefinidas vezes em que o TEXTO será reproduzido em novas leituras. O TEXTO é definido, então, pela sua inscrição, pela sua escritura. (...)Nessa perspectiva não se tem jamais um TEXTO em si (como objeto). O que se tem é um fragmento definido, estabilizado, resultado de um trabalho, um funcionamento: a prática de sua produção.” (GALLO, 1994 p. 85-86)

Em continuidade a essa problemática:

Para bem situar essa relação é preciso recolocar a questão da *escrita* e da grafia em outras palavras. Dizíamos que é a grafia que acaba por determinar a produção de palavras, sílabas, letras etc. Mas é importante dizer que tal realização não se daria pela grafia ela mesma. Na verdade, é a *escrita* que dá a sustentação ao trabalho gráfico. Sem essa sustentação a grafia seria um jogo de traços sem limites e sem sentido. A *escrita* contém esses traços e dá a eles sentido, pois é da *escrita* a capacidade de escrituração, de inscrição, de delimitação, de cunho. A escrita, então, trabalha sobre a grafia dando a ela limites e sentido, da mesma maneira que, em outro plano a TEXTUALIZAÇÃO trabalha sobre fragmentos dando a eles limites e reorganizando seus sentidos. (GALLO, 1994, p. 99, grifos da autora)

Após nos situarmos nesse universo da materialidade da escrita proposto por GALLO (1994), a mesma relembra de sua pesquisa anterior (1992), no qual trata do Discurso de Escrita e do Discurso de Oralidade, o seguinte:

(...) a distinção entre DISCURSO DA ESCRITA e DISCURSO DA ORALIDADE. Nós apresentávamos, então, o D.E. como sendo aquele cujo efeito é de "fechamento", de finalização. O sentido mais ou menos unívoco, sem ambigüidade aparente seria um efeito desse discurso produzido institucionalmente, do tipo jornal, publicidade, T.V., rádio, livro, etc. Esses discursos têm potencialmente um efeito-AUTOR que é mobilizado toda vez que um sujeito ai se inscreve. (GALLO, 1994, p. 159)

Segundo Gallo (1992), há uma passagem do Discurso da Oralidade (DO) para o Discurso da Escrita (DE) que só se dá quando o sujeito que escreve o texto:

- a) Está inscrito em um discurso institucional produtivo (livro, jornal, palestra, gibi etc.);
- b) Se situa no exato "impossível" do DP e, por esse motivo, rompe seus limites em busca de um "possível" que será necessariamente assumido por esse sujeito;
- c) Reconhece uma ambigüidade permanente no sentido construído, mas apesar disso produz um "fecho" pra seu texto, compreendendo, finalmente, que a figura do Autor (a função-autor) é responsável pela produção do efeito de sentido de fim para aquilo que era somente um "fecho". (GALLO, 1992, p.106)

A autora trabalha essa relação da escrita com as instituições de poder, e como isso se constitui no Discurso Pedagógico, em que essa passagem de Discurso de Oralidade para o Discurso de Escrita muitas vezes nem é possível, realizando apenas a reprodução (do Discurso de Escrita que é imposto pelas instituições), não compreendendo o modo como o processo da produção desta passagem acontece. Desse modo, tomando como base Gallo (1992), pode-se

compreender que o Discurso de Escrita está ligado diretamente ao poder legitimador das instituições, como podemos ver no discurso jurídico e científico, por exemplo.

O Discurso de Escrita se legitima como tal partindo de quem escreve, ou seja, o sujeito-autor está vinculado a qual instituição de poder? A academia científica? O poder judiciário? Uma editora de renome? Já o Discurso de Oralidade é aquele que não tem a sua legitimação amparada em uma instituição, ou seja, ele pode ser realizado através da escrita, assim como também na oralidade¹¹, é aquele que não está dentro do previsto normatizado pelo Discurso da Escrita, dentro do que se inscreve por normas institucionais.

Para Gallo (2012) a escola é um exemplo de lugar que não permite muitas vezes que seus alunos saiam do Discurso de Oralidade para o Discurso de Escrita, segundo ela o que é produzido na escola se trata de uma grafia, partindo de uma oralidade (imaginária), que não chega a ser legitimada e nem possui efeito de autoria (que é quando a escrita se alinha a um lugar discursivo legitimado se inscrevendo no Discurso de Escrita), pois o que é realizado na escola,

(...) com o nome de escrita, é discurso de oralidade, grafado. Assim como também existe o discurso de escrita, oralizado. A diferenciação, aqui, entre a escrita e oralidade, não obedece a um critério empírico que seria a produção pelas cordas vocais ou pela mão, mas a um critério discursivo. (GALLO, 2012, p. 55)

A autora sustenta a sua tese com base em Althusser (1985) que ao falar sobre as instituições reprodutoras ideológicas coloca a escola como a mantenedora da reprodução dessas, sendo assim uma instituição que mantém o que está posto na sociedade capitalista, transmitindo de geração em geração os sentidos que são legitimados (GALLO, 2012, p. 56). E quando a mesma ressalta o Discurso de Oralidade, é importante afirmar que essa oralidade não se refere à que conhecemos como advinda da voz, pois segundo a autora:

(...) DISCURSO DA ORALIDADE (D.O) está proposto, nessa perspectiva, como sendo o discurso cujo efeito é de uma permanente ambigüidade e de uma permanente abertura. No D.O. o sujeito não se constitui em AUTOR. Sempre é bom esclarecer que nesse caso o termo "oralidade" não se refere ao que é "vocalizado", da mesma maneira que o termo "escrita" não faz referência ao que é "grafado". (GALLO, 1994, p. 159)

¹¹ Assim como também é possível o Discurso de Escrita ser realizado pela oralidade, como em uma defesa de dissertação, um jornal etc.

Frisando um pouco mais sobre essa distinção entre D.E. e D.O, a autora afirma que se trata de dois tipos de discurso:

Essa distinção assim proposta nessa instância dificulta um pouco o seu tratamento. É verdade que oralidade e escrita tem que ter uma distinção que ultrapasse o nível da voz e do traço, pois todos estamos de acordo que um pronunciamento, uma palestra, ou produções "orais" desse tipo, muitas vezes são muito mais "escritas" do que um bilhete, por exemplo, uma listagem, ou coisas do tipo. Nesse caso, e valendo-se de toda a argumentação desenvolvida no referido trabalho, conservamos a distinção entre o que é o DISCURSO DA ORALIDADE e o que é o DISCURSO DA ESCRITA, sendo esse último, por oposição ao primeiro, o lugar do que fica, do que registra, do que repete, e que faz parte de todas as civilizações, realizando-se diferentemente, seja através do grafismo, seja através de desenhos, seja através de sinais, etc.

Ao pensar nessa passagem do Discurso de Oralidade para o Discurso de Escrita, considerando o modo como se dá o efeito-autor (reprodução do Discurso de escrita sendo assim reconhecido e legitimado) e assunção de autoria (passagem do Discurso de Oralidade para o discurso de escrita sendo assim legitimado) e reconhecendo como se dá o processo de legitimação do DE, a autora passa a descrever esse efeito-autor no Discurso Digital, que se dá através dos espaços enunciativos informatizados.

Para a autora, o D.E. na internet não se distancia do D.O., o que ela nomeia de Escritorialidade:

Por que escritorialidade? Porque o sentido é fechado, mas ao mesmo tempo é provisório; ele é publicado, mas ao mesmo tempo ele desaparece, de um momento para o outro; é legítimo, mas não é legítimo para todos, mas para um certo leitor (quem aqui não publica suas coisas no *facebook*, e não tem um leitor?). Textos que podem ser acessados no mundo inteiro, embora o mundo não esteja interessado nessas publicações, mas tem um pequeno número de leitores que está. Então nós nos posicionamos como autores, com uma certa provisoriade, porque também essas publicações não duram muito (cada post do *facebook*, por exemplo, fica visível durante poucas horas). Esse discurso tem o efeito-autor porque é possível compreender o que está ali, mesmo sem o contexto de enunciação específico de cada enunciado. Nós temos aí um discurso de escrita, ao mesmo tempo com as características da oralidade, sem as exigências do discurso de escrita, mas ao mesmo tempo com os benefícios do discurso de escrita. São materiais que tem seus sentidos abertos e fechados; legitimados para todo e qualquer leitor, e ao mesmo tempo, somente para alguns; são publicados de forma definitiva, mas ao mesmo tempo, fugaz. (GALLO, 2012, p. 60)

A partir dessas diferentes condições de produção em que se insere o Discurso de Escrita e o Discurso de Oralidade, que a autora designa como Escritorialidade, situada no

discurso digital, há um rompimento com essa divisão oralidade/escrita. Nas condições de produção do digital abrem-se possibilidades de deslocamento entre as fronteiras discursivas estabelecidas, mas também esse funcionamento ainda é controlado, assim como o Discurso da Escrita possui as ligações com as formações discursivas, não da mesma forma, abertamente, mas assim como as “afirmações óbvias” que nos são dadas nos estudos sobre o DE e DO, com a escritoralidade não é diferente. Seus funcionamentos se deslocam por permitir pensar o DE funcionando juntamente com o DO, mas que também se realiza na opacidade.

A escritoralidade, como afirma Gallo (2015), não é produzida na internet, não é qualquer escrita que se formula em seus espaços enunciativos. Para que o “usuário”¹² (internauta):

Se constitua nessa prática de Escritoralidade, é necessário haver um gesto de leitura para o seu dizer. Um gesto que produza sentido para esse dizer. Esse gesto não é o gesto de um indivíduo, mas o gesto de um outro sujeito, inscrito em formações discursivas nas quais encontra certos sentidos pré-construídos que são mobilizados para constituir a leitura. (GALLO, 2015, p. 04)

A escritoralidade então possui características específicas do Discurso de Escrita que são constituídas pelo sujeito que já é inscrito e possui leituras no Discurso de Escrita. De acordo com esses gestos, podemos então pensar na escritoralidade como escrita legitimada pelo digital, com características do Discurso de Escrita, juntamente com o Discurso de Oralidade.

Silveira (2015) ao falar sobre a escritoralidade pensando no *Twitter*, relaciona o que Gallo chama de efeito-autor com o que ela coloca como efeito-rumor, pensando nesse deslocamento que, segundo ela, *vai do boca a boca para o rumor em circulação em uma mídia social de caráter muito mais massivo* (SILVEIRA, 2015, p. 134). Com esse deslocamento, Gallo considera o efeito-rumor que se dá na escritoralidade:

Podemos pensar, então, como já sugerido à autora, que nos Discursos de Escritoralidade, não somente no *Twitter*, mas talvez também nos demais, o que se produz enquanto autoria, não corresponde ao que entendemos como efeito-autor; mas sim a algo que ao conhecer as análises realizadas por Silveira, eu propus chamar de efeito-rumor; próprio dos Discursos de Escritoralidade: uma forma de autoria adaptada tanto a provisoriidade do sentido, quanto ao seu modo de legitimação pela quantidade de visualizações. Ou seja, na mesma medida em que o Discurso de Escrita produz efeito-autor,

¹² A noção de usuário já foi problematizada por Orlandi (2010). A autora pergunta se conseguimos discernir a diferença entre as noções de sujeito e usuário. Por isso, nesse trabalho, colocamos a palavra usuário entre aspas para marcar essa diferença, embora não tenhamos, mesmo tentadas, buscado responder o questionamento de Orlandi.

o Discurso de Escritorialidade estaria produzindo o efeito-rumor. (GALLO, 2016, p. 318)

O modo como se legitima o que Gallo passa a Chamar de Discurso de Escritorialidade, se dá através do modo como acontece a circulação deste. Portanto, seguindo a regra de legitimidade partindo do efeito-rumor, o que é disseminado na internet, quando se constitui como escritorialidade, é legitimado no instante em que essa escritorialidade passe a circular, realizando assim o efeito-rumor.

Porém, assim como no Discurso de Escrita, para que se efetive essa legitimidade posta em circulação, há algumas ordens discursivas que são vinculadas ao poder, que podemos perceber no modo como o governo atual se manifesta nas mídias sociais para falar sobre algum assunto de interesse público, como temos visto com frequência, ou publicar nas mídias sociais informes governamentais (que são constituídas e formuladas fora do âmbito digital, ou seja, na ordem do Discurso de Escrita) nas mídias. E isso faz com que se legitime pelo efeito-rumor o Discurso da Escritorialidade, através do poder que já está posto pelas instituições. Mas, diante dessas questões, Gallo (2016) ressalta que:

É importante salientar que esses dois casos permitiram demonstrar que o fato de um texto de Discurso de Escrita colocar-se em circulação na internet, para, com isso, ganhar legitimidade pela quantidade, faz com que ele perca o reconhecimento. [...] Por outro lado, tanto em um caso como no outro, como em todos que analisamos, o que percebemos como causa desses enfraquecimento do efeito-autor é, também a causa da multiplicação das visualizações e adesões e tem, na raiz, um procedimento técnico, as clivagens subterrâneas que determinam, para esses espaços, o que pode e o que não pode ser lido. Perde-se em efeito-autor, ganha-se em efeito-rumor. (GALLO, 2016, p. 322)

O modo como é legitimada a escritorialidade posta em circulação, também é marcado pelas clivagens subterrâneas, que Pequeno (2014) explora em seu trabalho, em que aponta também para o funcionamento da Escritorialidade:

De qualquer forma, se trata de uma possibilidade aberta por um novo contexto material do tempo e do espaço de comunicação *online*: a possibilidade de um diálogo despido de todas as materialidades espaciais que antes informavam e viabilizavam a formulação. Nenhuma interação entre interlocutores dentro dos contextos dessas tecnologias está sujeita às mesmas formas de funcionamento: a materialidade constituinte do *online* necessariamente torna opacos esses funcionamentos que eram antes parte do esquecimento discursivo-enunciativo e exige de nós, portanto, reformulações, reapropriações, etc... A escritorialidade é uma realidade discursiva consequência dessa opacidade, resultado dessa reformulação, adaptação aos dispositivos tecnológicos disponíveis. A escritorialidade da rede, entretanto, não funciona sem fazer operar efeitos completamente particulares à rede, em pauta aqui, esse efeito

de *presença/ausência* antes materialmente impossível. (PEQUENO, 2014, p. 86)

Como descrito pelo autor, esse efeito de presença/ausência que se marca na escritorialidade, faz deslocar os sentidos antes estabilizados. A adaptação da escrita ao digital influi em várias mudanças, o funcionamento da escritorialidade abarca uma série de mudanças nas quais estamos tão íntimos e ao mesmo tempo obsoletos, estagnados pela inércia provocada pela quantidade de coisas acontecendo de modo instantâneo.

E nesta inércia, confrontada por alguns equívocos na língua, observamos o modo como a escritorialidade determina, também, a mudança de algumas regras de escrita, e quando dizemos escrita, nos referimos à normativa, regida pela gramática e marcada pela normatividade inerente a Gramática. Sim, a escritorialidade possui suas particularidades que se deslocam do que é previsto pela normatividade da língua, mas que também assim como a gramática possui esse feito de convenção do qual falamos no capítulo anterior, há uma regularidade na escritorialidade que vem e se inscreve no Discurso de Escritorialidade.

Essa questão da escritorialidade na relação com o digital é muito produtiva, mas é para pensar que existem certos funcionamentos específicos que são caracterizados no Discurso de Escrita com certos aspectos no funcionamento do Discurso da Oralidade. Alguns desses aspectos, dependendo do material, teremos uma dissimetria desse funcionamento, e isso depende do espaço em que ele está circulando. Assim como podemos ver em Adorno (2015) que parte do que é proposto por Gallo (2012) no tocante da escritorialidade, pois segundo o autor o YouTube¹³ se aproxima muito mais do discurso da escrita do que no Discurso da Oralidade:

O vlog é também um lugar de experimentação histórica, tensionada por sua textualidade publicizada. Uma experimentação própria do Discurso da Oralidade, mas que pega carona nos efeitos do Discurso da Escrita. Ao mesmo tempo, é um dizer legítimo e provisório: um Discurso da Escritorialidade, como propõe Gallo (2011) ao se referir às discursividades digitais. O que a tese mostra é o movimento provocada pelo conjunto de textualidades inscritas no espaço do YouTube quanto aos Direitos Autorais. Ainda que reproduzindo discursos do mercado, há uma transformação no processo de “sacralização” ou “coroação” de quem pode se dizer autor, criador, um sujeito com poder. Ainda é cedo para saber a decorrência ideológica, mas pode ser que o Discurso da Escritorialidade que atravessa essas textualidades seja uma experimentação histórica (assim como pode ter sido para os autores dos livros) de uma passagem do Discurso da Oralidade para o Discurso da Escrita, em que se

¹³ Mais conhecido como “plataforma de compartilhamento de vídeos”, mas que para nós, no tocante aos estudos discursivos se encaixa no que Gallo e Silveira (2017) denominam como “espaços enunciativos informatizados”.

produziriam novas formas-materiais para a autoria. (ADORNO, 2015, p. 145-146)

O modo como o autor coloca a aproximação do YouTube com o Discurso de Escrita muito mais que o do Discurso da Oralidade, não tira a sua inscrição no Discurso de Escritorialidade, muito pelo contrário, os dois se sustentam ali se alinhando no Discurso de Escritorialidade, porém surge essa possibilidade, de que Discurso de Escrita e Discurso de Oralidade andem juntos, porém um deles possui maior relevância de acordo com o espaço enunciativo informatizado no qual essa escritorialidade circula.

Nessa direção, iremos adentrar um pouco mais pensando não somente as particularidades desses espaços enunciativos, mas também no modo como essas regularidades que se inscrevem no Discurso de Escritorialidade também apresentam suas particularidades, e para isso precisamos compreender melhor as suas condições de produção.

CAPÍTULO III - AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS ENUNCIATIVOS INFORMATIZADOS PARA O FUNCIONAMENTO DA CAPS LOCK

Até o presente momento, nos detivemos em mostrar como chegamos à noção de funcionamento e à concepção de língua sujeita a equívoco, resultante dos deslocamentos produzidos por Michel Pêcheux, a partir da Análise de Discurso. Na sequência, já no capítulo II, compreendemos um pouco mais sobre funcionamento da Escrita através dos estudos discursivos, nos apoiando nos estudos de Gallo (1992) sobre o Discurso da Escrita e Discurso da Oralidade, para compreender o que vem a ser a Escritorialidade. Já, neste capítulo, adentramos a descrição das condições de produção das mídias sociais (Instagram e Portal de Notícias G1), para compreendermos sua historicidade.

Segundo Orlandi (2009, p. 30), as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Para a autora, pode-se considerar as condições de produção “em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2009).

Para Althusser:

(...) as evidências tenazes (evidências ideológicas de caráter empirista) do ponto de vista da mera produção e da simples prática produtiva (abstrata em si mesma com relação ao processo de produção) se incorporam de tal forma à nossa consciência cotidiana que é extremamente difícil, para não dizer quase impossível, alcançar o ponto de vista da reprodução. Portanto, se esse ponto de vista não é adotado, tudo permanece abstrato (mais do que parcial: deformado) mesmo ao nível da produção, e, com mais razão, ainda, ao nível da simples prática. (ALTHUSSER, 1918, p. 54)

É no intuito de nos deslocar do lugar da evidência, conforme a citação de Althusser, que vamos nos ater, nesta parte do trabalho, à compreensão da conjuntura nas quais se inscrevem os espaços enunciativos informatizados (GALLO; SILVEIRA, 2017) e suas condições de produção, pois “é extremamente difícil, para não dizer impossível, alcançar o ponto de vista da reprodução”, e isso só se torna palpável ao entendimento, quando então nos concentramos sobre a análise do material na relação com as suas condições de produção.

Antes de tudo, vale ressaltar que as mídias sociais se diferem de redes sociais e outros tipos, isso porque a mídia social é o que engloba todos esses artefatos digitais, a rede social é apenas uma parte das mídias sociais, portanto, nessa pesquisa, nos referimos sempre aos

“espaços enunciativos informatizados” como propõe Gallo e Silveira (2017) já citadas anteriormente.

Detemo-nos em estudar o funcionamento de comentários, mais especificamente na rede social Instagram e no Portal de Notícias G1, para que então possamos compreender um pouco mais do nosso objeto de pesquisa.

A princípio, para que pudéssemos chegar aos comentários e entender o funcionamento desses foi de suma importância conhecer um pouco mais sobre essas duas mídias sociais (Instagram e Portal de Notícias G1), e como se dão os comentários em ambas. Portanto, nosso objetivo é historicizar o funcionamento dessas mídias.

3. 1. G1: O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO

Após a Web 2.0, que deu lugar a participação dos comumente designados “usuários” na/da rede, através das mídias sociais, o mundo jornalístico, que era apenas impresso e transmitido por meios de canais de TV, sofreu uma migração para a grande rede, a Internet, a fim de se tornar “mais interativo” com a participação de “internautas”. Com essa transformação tecnológica, no Brasil, uma das grandes empresas midiáticas não poderia ficar de fora, as *Organizações Globo*, que segundo Assumpção e Amaral (2009, p. 3), apesar de pertencerem ao mesmo grupo, o Portal de Notícias G1 (que vamos explorar neste trabalho) e O Globo Online mantêm uma relação de concorrência, O Globo Online viria a ser apenas um jornal impresso que migrou para o universo online, já o G1 nascido da/para internet.

Logo na criação do Portal, as Organizações Globo investiram em propagandas para alavancar o lançamento do *site*, que ocorreu em setembro de 2006, com o seguinte enunciado "Completo como jornal. Ágil como rádio. Envolvente como a TV. Interativo como a Internet. E rápido, muito rápido". Atualmente o Portal se intitula como “O portal de notícias da Globo” e seu slogan é “Saiba mais. Saiba antes”.

No período de sua criação, em que a propaganda explica sobre o que viria a ser o Portal de Notícias da Globo, não se tinha ainda uma ideia concreta sobre uma página na internet de um jornal online. Já com o *slogan* atual, treze anos depois, “Saiba mais. Saiba antes”, possui uma autonomia de jornal online conhecido, visto que, na época de seu lançamento, o acesso já chegava a mais de 3,5 milhões por dia (ASSUMPCÃO e AMARAL, 2009). Hoje, o site conta

com editoriais de todas as afiliadas da Rede Globo de outros estados, que abastecem o portal com notícias locais, além das notícias nacionais e mundiais feitas pelas editoras já existentes.

3. 1. 1. OS COMENTÁRIOS NAS MATÉRIAS DO G1

O intuito dos jornais online era o de que houvesse uma “interação mais ativa” de seus leitores, agora designados como “usuários”, e para que isso fosse efetivado de maneira rápida e visível, criaram-se ferramentas que deixavam os editores mais próximos de seus leitores, e um desses mecanismos utilizados para estreitar os laços foram os comentários.

De acordo com os princípios editoriais do Grupo Globo os comentários são abertos mediante as diretrizes do redator da matéria publicada, ou seja, nem todas as matérias são abertas a comentários, e aquelas que o são também sofrem um controle de acordo com o que foi escrito pelo comentador. Segundo Assumpção e Amaral (2006, p. 10-11):

O jornalista responsável pela matéria precisa lê-los todos antes de publicá-los e deve se encarregar de censurar aqueles que tiverem palavras ou mensagens preconceituosas. Além disso, depois de 24 horas da publicação de uma matéria, não é mais possível postar comentários, porque o repórter também fica responsável por escolher um momento para “encerrar os comentários”.

Segundo os autores, há uma responsabilidade editorial sobre os comentários, o que explica que nem todas as matérias abrem esse espaço de “interação”. O que notamos, diante do exposto pelo recorte, é que há sim o controle sobre os comentários, mas somente após eles serem postados. Cabe aqui uma observação sobre a noção de interação, pois para a análise de discurso, a interação não funciona assim de maneira fluída como quem está por detrás de uma tela pode imaginar, uma vez que não há meios neutros por onde circulariam informações para os sujeitos se comunicarem, e sim uma rede complexa de produção de sentidos em que os sujeitos ocupam determinadas posições num processo de identificação (ou não) com aquilo que leem. Dessa forma, a noção de interação não pode ser tomada de forma simplista, como o discurso midiático costuma insistir. A interação, na análise de discurso, é compreendida como prática de gestos realizados por sujeitos quando ocupam determinadas posições discursivas.

Em pesquisa que analisa a relação entre comunicação e informação no discurso midiático, Nunes (2012) retoma Orlandi (2010) para explicar esse complexo funcionamento:

O que fica significado como comunicação, no discurso midiático funciona à maneira da unidade, associada a meio, a canal; e sendo somente meio não afetaria o produto, nem o sujeito, contudo Orlandi (2005, p. 12) observa que os meios em que circulam os sentidos não são neutros, e assim a comunicação não funciona de maneira lógica, termo a termo, numa relação ideal falante-ouvinte. (...) O que Orlandi (2010) observa sobre as noções de dados e

interação, quanto ao modo como aparece no discurso dos internautas e cientistas da informação, no espaço do discurso eletrônico é importante, pois a autora salienta que se estamos de acordo que a linguagem não é transparente, que os sujeitos não são a origem de si e que os sentidos são produzidos em processos em que funciona a determinação histórica, é possível resignificar tais noções. Interação, desta forma, resignifica-se como produção/prática de gestos por sujeitos que ocupam específicas posições discursivas na relação com este processo de significação. (NUNES, 2012, p.43)

O recorte (comentário) que retiramos do Portal G1 ficou disponível por um período de quase um ano, e, logo em seguida, assim como outros comentários realizados na mesma matéria, (que em sua grande maioria possuía palavras que atacavam a entrevistada) foram excluídos, como também as imagens que tinham o rosto da mulher citada na matéria. Mostramos, a seguir, o *print* da mesma matéria realizada em datas diferentes; uma acessada no dia 20/07/2017 e a outra acessada no dia 04/04/2019.¹⁴

Título 1: Matéria acessada em 27/07/2017

'Foi você que escreveu isso?': conheça bióloga brasileira que ganhou prêmio global de ciência

Fernanda de Pinho Werneck foi escolhida para 'Rising Talents' de prêmio da Unesco entregue a 15 jovens cientistas de todo o mundo; ela relata desafios da seguir carreira em área de pouco espaço para mulheres.



Por BBC
25/04/2017 07h56 - Atualizado 25/04/2017 07h56



Fernanda Werneck estuda os efeitos das mudanças climáticas na vida animal (Foto: Divulgação)

Figura 1 – Matéria acessada em 20/07/2017. Fonte:G1.

¹⁴ Figura 1 disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/foi-voce-que-escreveu-isso-conheca-biologa-brasileira-que-ganhou-premio-global-de-ciencia.ghtml> . Acesso em 20/07/2017.

Título 2: Matéria acessada em 04/04/2019

'Foi você que escreveu isso?': conheça bióloga brasileira que ganhou prêmio global de ciência

Fernanda de Pinho Werneck foi escolhida para 'Rising Talents' de prêmio da Unesco entregue a 15 jovens cientistas de todo o mundo; ela relata desafios da seguir carreira em área de pouco espaço para mulheres.

Por BBC
25/04/2017 07h56 · Atualizado há um ano



Figura 2 – Matéria acessada em 04/04/2019. Fonte:G1.

15

Segundo os Princípios Editoriais do Grupo Globo (disponível em todos os seus endereços eletrônicos¹⁶), no que corresponde aos comentários realizados em suas respectivas páginas:

A publicação de reportagens certamente vai gerar comentários dos leitores. O jornalista do Grupo Globo deve tratar todos com respeito. Pode esclarecer dúvidas e comentar críticas. Se estas forem ofensivas, talvez seja melhor simplesmente não responder. Se se sentir vítima de abuso, é legítimo que o jornalista do Grupo Globo bloqueie os ofensores. Mas é preciso critério: não confundir críticas contundentes, mas legítimas, com ofensas e abusos.

Assim, cada página possui seu mecanismo de controle - que na verdade são formas institucionais de controle do discurso (que vamos tratar mais adiante) - diante dos comentários que são realizados pelos seus “usuários”/leitores, assim como veremos na rede social Instagram.

3. 2. O INSTAGRAM E SUA TRANSFORMAÇÃO “GRITANTE”

Os que nasceram pós Web 2.0, ou que vivenciaram cada crescimento das redes sociais, sabem o que é ou já ouviram falar no Instagram, rede social feita especialmente para

¹⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/foi-voce-que-escreveu-isso-conheca-biologa-brasileira-que-ganhou-premio-global-de-ciencia.ghtml> . Acesso em 04/04/2019

¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>

compartilhamento de imagens. Após a sua criação, no ano de 2010, e seu crescimento em 2012, a rede social chamou a atenção dos “usuários” do famoso Facebook, de Mark Zuckerberg, e respectivamente de seu dono, pois seus “usuários” estavam migrando para o Instagram, a fim de registrar momentos com a função de edição que o aplicativo/rede social possuía/possui.

O avanço da rede social/aplicativo, que era inicialmente para celulares com o dispositivo IOS, exclusividade da Apple, começou a atingir a massa, a partir de sua expansão para o dispositivo Android, que é o mais comum em Smartphones considerados de baixo e médio padrão.

Após a sua expansão, que, conseqüentemente, atingiu um número maior de pessoas, as atualizações do aplicativo começaram a surgir e sua interface ficava moderna cada vez mais. Inicialmente, o Instagram que antes se chamava Burn, em sua fase inicial, não possuía um logotipo como o de hoje, era apenas o nome e sem muitas adaptações, logo, quando se desenvolveu e ganhou o nome de Instagram (que é uma aglutinação de Instant Câmera + Telegram), ganhou seu primeiro logotipo, de uma Polaroid com efeito antigo, que logo em seguida evoluiu para uma câmera mais moderna, com direito a uma tabela de cores também renovada, entre outras melhorias que foram acontecendo na medida em que o aplicativo, que era acessado somente em celular, passou a fazer parte também das telas dos computadores.

Título 1 - Logotipos Instagram (Instagram e sua evolução)



Figura 3 - Instagram e sua evolução - Fonte: medium.com¹⁷

Com essa transformação toda acontecendo, os criadores do Instagram, o brasileiro Mike Krieger e o americano Kevin Systrom, se tornaram um alvo de investimento do CEO do Facebook, Mark Zuckerberg. A partir daí, após se tornar dono do Instagram, o criador do

¹⁷ ¹⁷ Logotipos Instagram (Instagram e sua evolução) - Disponível em <https://medium.com/@desabafonaweb/forte-e-suas-historias-119b8acf400d> . Acesso em 13/11/2019.

Facebook só o fez crescer mais ainda, que se tornou uma plataforma de lucros, sendo a principal rede social/plataforma nos dias de hoje, superando sua criação inicial.

3. 2. 1. OS COMENTÁRIOS NO INSTAGRAM

Em sua primeira fase de criação, ainda com o nome Burn, o Instagram não possuía a ferramenta de comentários. O aplicativo, que até então era somente para aparelhos Apple, disponibilizava o compartilhamento de fotos e eventos. Logo em seguida, com sua interface nomeada Instagram, o aplicativo permitia que se postasse uma imagem, e que os seguidores pudessem realizar comentários naquela específica imagem, além de poder deixar o seu Like/Curtida.

Os comentários, em sua primeira configuração, não possuíam muitas ferramentas, no entanto, com sua crescente popularização, foram ganhando destaque em âmbito internacional. Várias atualizações como a hashtag #, a marcação de pessoas e seguidores pelo seu nome de “usuário” marcado pelo arroba @ (que hoje virou sujeito, com a seguinte pergunta, por exemplo: “não é @?”)¹⁸. Com a crescente demanda que os comentários geraram, a rede social adquiriu, além das suas avançadas atualizações de entretenimento, modos de segurança para o “usuário” que possui sua página ou perfil neste espaço.

¹⁸ Hoje nas redes sociais, em comentários, em memes, em posts, em vídeos e várias outras formas de se comunicar espalhadas pela rede, o @ virou um modo de fazer referência à alguém. Não entramos nesta parte, pois é algo que demandaria outra pesquisa.

Recentemente, os perfis criados pelos “usuários” ganharam alguns métodos que permitem uma espécie de controle sobre o que as pessoas comentam em seus posts. No controle de privacidade, dentro das configurações de cada página/perfil, há uma ferramenta que exclui palavras que podem ofender se comentadas em seus posts, como por exemplos, palavras de baixo calão.

Título 4 - Configurações do controle de comentários

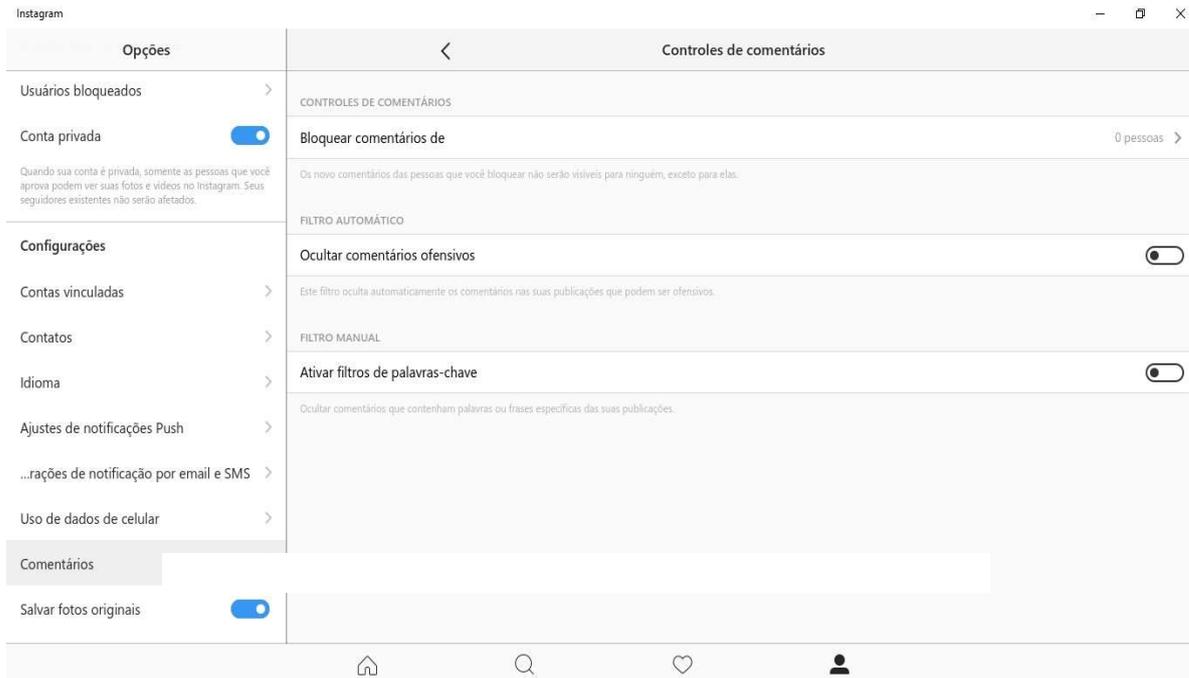


Figura 4 - Controle de Comentários - Fonte: Print da página pessoal do Instagram

Título 5 - Controle de comentários

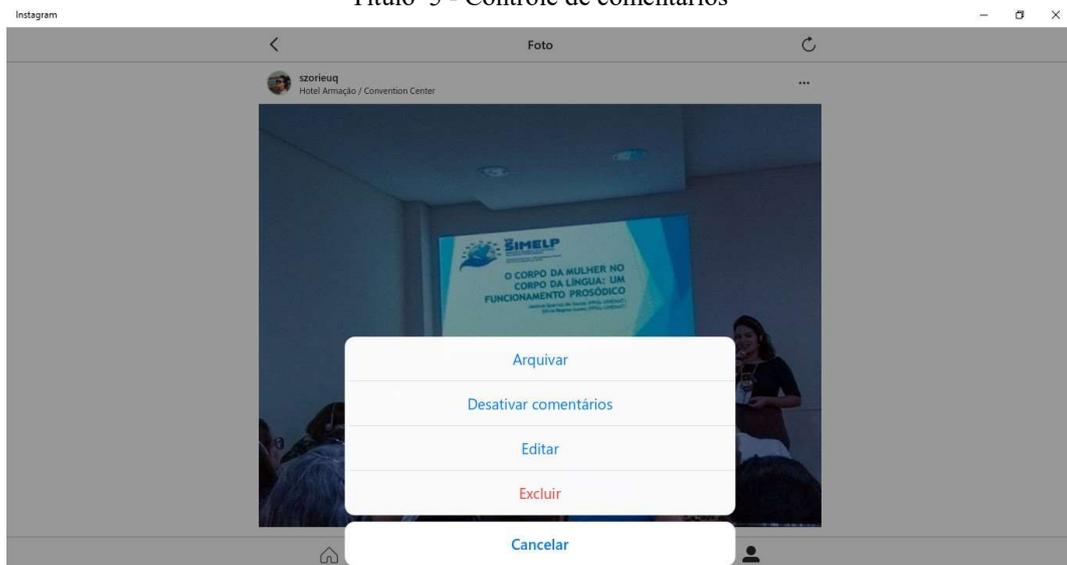


Figura 5 – Controle de Comentários - Fonte: Print página pessoal do Instagram

Além desse mecanismo acima de cada post/foto, é possível desativar os comentários para tal como podemos ver na figura 5. Nos espaços enunciativos informatizados (GALLO; SILVEIRA 2017), como pudemos ver, também possuem formas institucionais de controle do discurso, quer dizer que isso vai bem ao contrário do imaginário de que na internet tudo se pode dizer. Segundo Foucault:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 1996, p.9)

No modo como as instituições regulam o nosso dizer, e permeiam a sociedade no que concerne ao poder e desejo, pensando no modo como Foucault (1996) discute sobre o assunto, vemos que, de acordo com as épocas, o controle do que podemos ou não dizer não desaparece. Por mais tecnológico e avançado que seja o sistema, o nosso imaginário de “liberdade de expressão” ainda está longe de existir.

O controle das e nas redes sociais são determinados por nossa constituição social, não estamos totalmente livres para expor tudo o que pensamos e todos os nossos desejos. Nossas condições e posições discursivas nos delimitam dentro e fora da grande rede de relacionamentos e seus espaços enunciativos informatizados. Ou seja, estar no G1 ou Instagram é estar em um espaço discursivo controlado institucionalmente.

Pensando em todas essas formas de controle sobre os comentários, que foram criados a partir de sua imaginária demanda, vemos que muitas vezes é possível burlar todas elas. Nas redes sociais, principalmente, a interlocução se dá através da escritoralidade (GALLO, 2015) e do compartilhamento de imagens, e é através dessas formulações verbais e visuais que uma mensagem de cunho ofensivo, inclusive, também circula.

3. 3. TENHA MODOS! SOB A INJUNÇÃO DA NETIQUETA

Com a transformação das relações por causa dessas mídias sociais, o modo como nos comunicamos e como colocamos a “nossa opinião” sobre determinados assuntos são marcados, na maioria das vezes, através da escritoralidade (GALLO, 2011) (assim como também podemos nos expressar através de memes e emojis). Na internet, essa escritoralidade é uma das formas

principais de interlocução, seja para sentimentos e até estados emocionais, as palavras se significam de várias maneiras, ecoando repetições de vogais e consoantes, que se diferenciam em seus formatos nos quais maiúsculas e minúsculas se significam de modos diferentes, o que, de certa forma, podem causar certo estranhamento por parte de “usuários” desses espaços.

Como comumente se diz que a internet é um lugar de acesso fácil, e até mesmo nomeado como “terra de ninguém”, a partir de nossas análises, vislumbramos que não é bem assim o seu funcionamento. Com a justificativa de evitar atritos na grande rede foi criada a NETIQUETA, a etiqueta da internet, para que “todos” pudessem desfrutar da Web de maneira “saudável”, sem que houvesse desentendimentos constantes nas mídias sociais. Alguns sites já possuem a Netiqueta disponível para que seu público acesse e siga as “regras” descritas nas orientações.

A grande rede agrega várias pessoas, dos mais variados países, crenças, gêneros, das mais diferentes classes sociais e étnico-raciais, o que se torna impossível que haja uma “cultura midiática” centralizada e homogênea que determine o que pode ou não ser dito na Internet. O modo como a socialização ocorre nas redes sociais é o principal interesse da Netiqueta, segundo Madalena (2013, p.17-18):

No ciberespaço, surgem novas formas de socialização, definidas pelas diferentes possibilidades comunicativas, entre elas a socialização primária, num “processo dinâmico, onde cada sujeito que se relaciona encontra-se, momentaneamente, na mesma realidade e age de maneira simultânea e interativa. Desta forma, há a necessidade de uma ordem ou regras para que a comunicação interpessoal possa ocorrer sem ruídos e de forma clara.

A etiqueta na internet, em nível de escritorialidade, funciona como uma espécie de gramática, que faz com que essa escrita se situe em um nível no qual todos os “usuários” possam se comunicar de forma homogênea e precisa, ou como o próprio autor mesmo diz “sem ruídos e de forma clara”. Para nós, essas orientações de como proceder nas mídias sociais se inscrevem numa lógica que coloca a linguagem como mero instrumento de comunicação, o que se choca com a concepção de língua como incompletude com a qual trabalhamos.

Ainda, segundo o autor (MADALENA, 2013), o modo como as pessoas se manifestam em suas redes sociais, a maneira como cada “usuário” se porta, faz com que os demais “usuários” (seguidores, amigos), sejam eles os presentes e os precedentes, se comportem da mesma maneira, refletindo assim em uma etiqueta a ser reproduzida nas interlocuções *online*.

Se essas “regras” forem quebradas de alguma maneira, o resultado é uma punição, como exclusão ou até mesmo um bloqueio, fazendo com que um “usuário” não possa mais se comunicar com outro.

Com todas as regras que temos que seguir diariamente no mundo off-line, o que a Netiqueta produz como efeito é que estamos agora adentrando o espaço das regras on-line cada vez mais fundo, pois não devemos separar esses dois mundos que se fundem e que hoje até confundimos em quais estamos mais presentes (ou será que devemos?). Segundo o autor da Netiqueta, as regras que ela fornece para que a socialização ocorra de maneira harmônica, nada mais é do que transposição das mais simples regras de socialização do mundo off-line para o online - tanto da legislação civil como da consciência coletiva (MADALENA, 2013, p.19).

Conforme o estudo citado, a Netiqueta surgiu na década de 1990 com o *boom* causado pela quantidade de “usuários” que cresceu de forma considerável. O fato principal desta façanha se dá pelo modo como estes novatos se adentraram no mundo online, causando certo incômodo por parte dos “usuários” antigos, o que deu fôlego para que se criasse inicialmente alguns guias para “usuários”, as famosas FAQ (Frequently Asked Question), e, posteriormente, a etiqueta da internet, Netiqueta, sendo publicada em forma de livro, em 1994, por Virginia Shea, nomeado “Netiquette”.

As regras que Shea (1994) escreve em seu livro foram atualizadas com o passar do tempo por outras pessoas, pois essas regras vêm sendo quebradas diariamente, como “Não seja um Troll”, “É um ser humano do outro lado”, regras que fazem menção ao comportamento humano em geral. Porém, na internet, o comportamento é realizado majoritariamente através da escritoralidade, o que fez com que Strawbrigde (2006) produzisse a Netiqueta baseada na escrita da internet, na qual abrange dos e-mails às plataformas sociais.

A regra que nos interessa no trabalho de Strawbrigde, é sobre o uso da Caps Lock, ou - **Não escrever só com maiúsculas ou só com minúsculas**, que segundo Madalena (2013):

Esta é uma das regras mais citadas quando se refere o assunto “netiqueta”, e uma das primeiras aprendidas pela maioria das pessoas que se encontrem a dar os primeiros passos no ciberespaço. É um ótimo exemplo para explicar sobre que tipo de regras estamos a falar quando nos referimos à netiqueta, não só pelo que acabámos de expor, mas também porque esta regra pode parecer, à primeira vista, uma convenção. No entanto, a prática rapidamente nos mostra que, realmente, UM TEXTO ESCRITO TODO EM MAIÚSCULAS TRANSMITE A IDEIA DE QUE SE ESTÁ A GRITAR E TORNA-SE DIFÍCIL DE LER. E, ORA, GRITAR PARA OS OUTROS É, OBVIAMENTE, MÁ NETIQUETA. um texto todo em minúsculas, como

este, também não é aconselhável. parece mais amador e torna-se também difícil de ler. Além disso, escrever de alguma destas formas é errado à partida, segundo as mais básicas regras da escrita. A menos que se tenha liberdade literária, que se **pretenda dar ocasionalmente alguma ênfase ao texto**, ou que se esteja a conversar num chat, devemos sempre utilizar as maiúsculas e as minúsculas convenientemente. (MADALENA, 2013, p. 48, grifos nossos).

Pensar nessa regra é algo que supõe mais do que uma simples forma de escrita inconveniente, por meio de quem está formulando um enunciado. Pensar nessa regra evoca o modo como os “usuários” podem ou não se identificar por meio dessa escritorialidade com as formas maiúsculas. Associar a forma maiúscula com a sonorização de um grito é algo que nos faz refletir em como se dá o funcionamento prosódico da e na escritorialidade (escrita nas mídias sociais), no caso deste trabalho, o funcionamento dessa marca nos comentários.

Compreendemos as mídias sociais indissociáveis de um processo de circulação em funcionamento constante, no qual a circulação marca as mudanças que regularizam as formulações da escritorialidade nos espaços enunciativos informatizados. Dessa forma, a seguir mostramos o modo como a Caps Lock adquire contornos em sua historicidade, assim como tudo que circula no espaço digital.

Nos estudos de língua(gem), problematizar a relação entre a escrita e os sons redundava em produzir interlocução com teorias que colocam a dicotomia entre o sonoro e o escrito para explicar esse tipo de convenção, que se origina na língua enquanto código. Neste trabalho, de maneira diferente, porque com apoio nos estudos discursivos, procuramos entender o efeito que se instala na prática da escritorialidade em sua forma maiúscula, a Caps Lock, problematizando o imaginário de que isso causaria desconforto aos “usuários”, e até mesmo confusão por aqueles que não compreendem as novas convenções sobre esse uso no discurso digital.

3. 3. 1. HISTORICIZANDO A CAPS LOCK

Ao falar em Caps Lock, nas condições de produção do discurso digital, se configura um imaginário que consiste em pensar que se se escreveu em maiúscula é GRITO. O modo como se deu esse funcionamento não aconteceu de modo aleatório e disperso. O funcionamento

da Caps Lock surge antes da Internet ser inventada, e acompanha a escrita nesta saga, que vem de seus primórdios datilográficos, se originando na antiga máquina de escrever.¹⁹

Título 2 - Caixas de prensas manuais



Esse é o "Caps Lock manual" com a caixas-altas e a caixas-baixas

Figura 6 - Caixas de prensas manuais - Fonte: TecMundo

As formas de “caixa alta” e “caixa baixa”, como são designadas as letras maiúsculas e minúsculas no teclado do computador, não são tão modernas assim, pois surgiram na época das prensas manuais, designadas literalmente pelas caixas que guardavam as formas das letras (como podemos ver na figura 6), nas quais as minúsculas ficavam na parte inferior (na caixa baixa) e as maiúsculas na parte superior (caixa alta). Eis que a definição de caixa alta ou baixa antecede até a escrita por meio técnico, como o da máquina de escrever ou do computador.

Com a criação das máquinas de escrever, veio então a tecla “Shift” que quando pressionada mantém as letras em sua forma maiúscula e para se obter a sentença em toda sua forma “alta” é necessário manter a tecla pressionada. Com a necessidade de se obter uma datilografia mais rápida e precisa, surge então a Caps Lock que funciona como uma espécie de “trava”, que assim que é “ativado”, diferente da tecla shift, mantém uma permanência contínua da escrita em sua forma maiúscula.

¹⁹ ¹⁹ Figura 6 - Caixas de prensas manuais - Retirada do site “Tecmundo” disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/produto/122002-historia-teclado-maquina-escrever-gamers-video.htm> acessada em 12/09/2019.

Título 3 - Evolução da Caps Lock



Figura 7 - Evolução da Caps Lock - Fonte: TecMundo

20

O uso da caixa alta, na época da escrita datilográfica, era basicamente para dar ênfase a alguma parte do texto digitado, pois na máquina de escrever, por exemplo, não existiam as funções de negrito ou itálico. Com os computadores e a internet, o eventual uso da Caixa Alta, ou, conforme é designada no discurso digital, Caps Lock, angariou outro sentido além da ênfase.

3. 4. CAPS LOCK E CAIXA ALTA: EFEITOS DE SENTIDO ENTRE AS DUAS NOMENCLATURAS

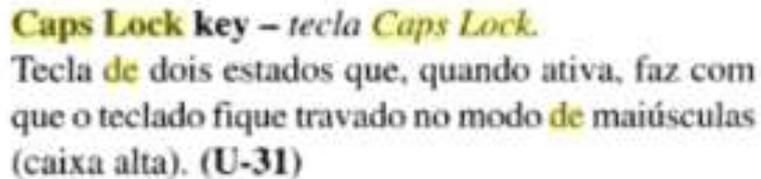
Nos dicionários de informática de língua inglesa, a palavra Caps provem de “capital letters”, que significa em português “letras maiúsculas”, e Lock pode ser traduzida como “bloqueio” ou “trava”. Veremos abaixo no “Dicionário de informática, multimídia e realidade virtual” (2001), o significado do inglês para o português, de acordo com a linguagem técnica da informática:

(...) **capitals or caps** s maiúsculas. Formas grandes de letras (A, B, C, D etc.) em vez de letras minúsculas (a, b, c, d etc.). The word BASIC is always written in caps./ A palavra BASIC é sempre escrita em maiúsculas. **caps lock** caps lock: tecla em um teclado ou máquina de escrever que permite que todos os caracteres sejam digitados como maiúsculas. The LED lights up when caps lock is pressed./ O LED acende quando a tecla caps lock é pressionada.

²⁰ Figura 7 – retirada do site “Tecmundo” disponível em <https://www.tecmundo.com.br/teclado/28844-caps-lock-a-historia-da-tecla-mais-berrante-de-todas.htm> . Acesso em 12/09/2019.

Geralmente, nos dicionários de informática, Caps Lock vem sempre com a palavra Key, que significa "tecla", podemos dizer que sua tradução possível seria: **tecla que bloqueia ou trava o teclado para obtenção de letras maiúsculas.**

Título 4 – Definição de Caps Lock Key



Caps Lock key – *tecla Caps Lock.*
Tecla **de** dois estados que, quando ativa, faz com que o teclado fique travado no modo **de** maiúsculas (caixa alta). (U-31)

Figura 8 - Caps Lock Key - Fonte: Dicionário de informática e internet ²¹

No Wikipédia, outra ligação possível para o termo Caps Lock se apresenta como: Letras Capitais fazendo referência às Letras Capitulares, ou seja, letras que indicam o começo de um novo capítulo, em que as letras ornamentadas indicavam um estilo e eram todas trabalhadas esteticamente, o que fazia com que as pessoas que trabalhavam com esse tipo de escrita, seja em um livro ou um jornal, gatassem muito tempo para produzir esse ornamento nas primeiras páginas. Havia toda uma técnica para que se realizasse a impressão dessas formas de letras.

²¹ ²¹ Retirado do livro (E-book) Dicionário de informática e internet – Márcia Regina Sawaya. Editora Nobel, São Paulo 1999 p.67

Título 5 - Caps Lock de acordo com a Wikipédia

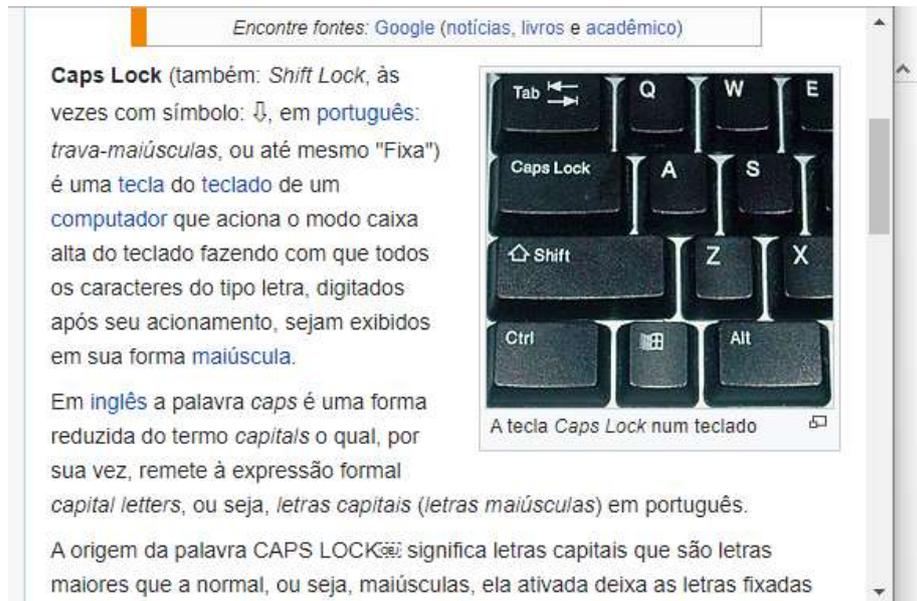


Figura 9 - Caps Lock - Fonte: Wikipédia²²

Temos, então, uma possível relação entre Caps Lock e Letras Capitulares, já que a Caps Lock foi criado justamente para que as letras sejam digitadas em sua forma maiúscula para que não se “perca tempo” parando e apertando o Shift (aquela seta que fica abaixo da Caps Lock). Segundo o Dicionário prático de Inglês Michaelis (2001, p.46), a palavra Capital do inglês para o português possui significado atrelado às maiúsculas:

cap. i. tal [k'æpitəl] **n** 1 capital: a) sede de governo. b) **letra maiúscula**. c) Com patrimônio. 2 capitalistas (coletivamente). 3 *fig* vantagem, lucro • *adj* fundamental. **block capitals** *Typogr egípcias*: tipos grossos para títulos. **capital punishment** pena de morte.

Não somente essas relações entre as duas nomenclaturas têm algo em comum, pois o crescimento de ambas se deu a partir de uma demanda, demanda tecnológica na qual as condições históricas marcam as diferenças. Segundo Higounet (2003):

[...] uma vez “inventada”, a escrita se torna um desenho que pode ter vida própria, fora da língua da qual é veículo. É quando sua história pode ser um estudo apenas das formas que evoluem em um contexto político, social e econômico. (HIGOUNET, 2003, p. 23).

²² Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Caps_lock . Acesso em 18/11/2019.

As maiúsculas, nas quais as duas formas são ligadas, foram produzidas desde os primórdios da escrita alfabética, as letras com suas formas altas e grandes por muito tempo foram vistas como forma de ornamentar, como as letras capitulares, porém essas formas e tamanhos diversos que a escrita possui até os dias de hoje, marcam a incessante transformação das formas de sociabilidade.

Com a escrita ocidental, os alfabetos tipográficos das maiúsculas e minúsculas ganharam seu espaço, o que antes se desenvolvia em termos de tipografia, apenas em livros, se estendeu para jornais, revistas e cartazes, o que determinou a concepção de design das letras. Até os dias de hoje o uso da escrita maiúscula se mantém conforme o padrão determinado pelos textos escritos fora do âmbito da internet. Em relação às maiúsculas, a linguagem jornalística segue quase os mesmos padrões desde que se originou, mas não entraremos neste contexto, pois isso resultaria em outra pesquisa.

A relação entre as nomenclaturas Caps Lock e Caixa Alta, como vimos nas suas respectivas condições de produção, é determinada pelo funcionamento das maiúsculas. O termo caixa alta vem do período em que as caixas de prensas manuais eram separadas de acordo com o lugar em que ficavam separadas as suas formas, caixas baixas e caixas altas (como vimos na figura 6). Já a Caps Lock, que não possui uma tradução literal (visto que assumir a literalidade do sentido de uma palavra é da ordem do impossível, conforme postulamos na Análise de Discurso), possui duas palavras cujos significados produzem a tensão entre os sentidos que funcionam juntamente e exclusivamente no e para o digital, na linguagem informatizada da ciência da computação. Contudo, essas duas formas são determinadas pelo Discurso da Escrita em suas condições de produção específicas. O que fica marcado no Discurso da Escrita e no Discurso da Escritorialidade é que mesmo que ambas estejam de certa forma ligadas, podem produzir sentidos diferentes pelo seu funcionamento distinto.

A Caps Lock, que até então era somente um termo técnico, nome da tecla que realiza a trava das formas maiúsculas, nas condições de produção dos espaços enunciativos informatizados passa a significar, imaginariamente, como uma espécie de mecanismo sonoro de palavras. No Discurso da Escrita, como vimos anteriormente, a Caps Lock é designada exclusivamente para produzir ênfase ou destaque, ou para indicar uma elevação de tom, o que não seria propriamente um grito, como é o caso do funcionamento imaginário nas mídias sociais. Contudo, essas questões atravessam a espessura do funcionamento da Caps Lock, por um efeito de pré-construído (PÊCHEUX, 2014), constituído por meio da relação entre sua

forma alta, uma atualização da memória discursiva da ênfase e do destaque e seu funcionamento nas condições de produção do digital.

CAPÍTULO IV - A ESCRITA E A ORALIDADE NA ORDEM DA LÍNGUA: A ESCRITORALIDADE E O EFEITO DE GRITO

Para começar, vamos entender um pouco o que é prosódia, começando por Saussure. Em decorrência dos estudos sobre o sistema linguístico, o estudioso também se dedica a descrever a escrita fonológica, bem como a classe dos fonemas e suas transcrições. Segundo o CLG, o genebrino coloca que “o testemunho da escrita só tem valor com a condição de ser interpretado” (SAUSSURE, 2012, p. 68), colocando como centro dos estudos linguísticos as representações sonoras de cada língua realizada pelos estudos fonológicos, o que podemos dizer que, após Saussure, os estudos fonológicos deram uma guinada, e a partir da publicação do CLG separam o que era tido apenas como fonológico, no que hoje conhecemos como fonética e fonologia.

Após essa separação entre fonética e fonologia, vários estudos sobre o sons foram realizados, elencando categorias que subdividem os estudos fonológicos, e uma dessas categorias que estuda o som é a prosódia. A prosódia tem como objetivo estudar os elementos suprasegmentais, e, segundo Cagliari (1992), estes são divididos em grupos; elementos da melodia da fala (tom, entonação, tessitura), elementos da dinâmica da fala (duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tesis), elementos da qualidade da voz (volume, registro, qualidade da voz). Ainda segundo o autor,

Ao segmentar a fala (...), as unidades chamadas segmentos são as que definem as vogais e as consoantes. As unidades maiores do que os segmentos são chamadas de prosódias, como a sílaba, as morassilábicas, o pé, o grupo tonal, os tons entoacionais, a tessitura e o tempo. Há, ainda, algumas propriedades fonéticas chamadas de supra-segmentos. Às vezes, esse termo é sinônimo de prosódia, às vezes, representa algumas propriedades, como duração segmental, a nasalização, as articulações secundárias etc. (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2001, p.118).

Seguindo a mesma linha de Cagliari (1992; 2001) nos estudos sobre a prosódia, no que tange a voz e a entoação, há alguns estudiosos que partem desses estudos sob uma perspectiva discursiva. Vinhas (2018), ao falar sobre as materialidades que são possíveis de se estudar pela Análise de Discurso, faz referência à prosódia como uma delas, no que concerne especificamente à oralidade:

Boa parte desses estudos visa a agregar as imagens; no entanto, parece que, ainda há lugar para se pensar sobre algo próprio da oralidade, sem a qual a constituição do sujeito estaria afetada. Trata-se da materialidade prosódica, compreendendo-a como constituinte linguístico acima da linearidade da sentença, apreensível somente na oralidade. (VINHAS, 2018, p. 208)

O modo como a autora toma a materialidade prosódica sendo apreensível apenas na oralidade, faz pensar que é possível mobilizar os estudos da prosódia para o campo discursivo especificamente no que concerne a oralidade, porém alguns estudos realizados nos mostram que é possível pensar em um funcionamento prosódico através da escrita. Esparsa (2015), afirma que

Cagliari (1989) elucida que no texto escrito tem-se o uso de recursos gráficos para representar a prosódia e as atitudes dos falantes. Esses recursos gráficos indicam ao leitor como deverão ser as variações entoacionais e melódicas da passagem que estão sob o escopo dessas marcas gráficas. Essas marcas gráficas podem ser uma formatação do texto, escolha lexical e/ou uso de pontuação. (ESPARSA, 2015, p. 3)

Segundo Socin e Tenani (2015), em seus estudos sobre o emprego da vírgula e prosódia do Português Brasileiro, “A fronteira prosódica atua como uma estrutura significativa que organiza o enunciado escrito privilegiadamente por meio da pontuação em sua significação e em sua constituição formal” (SOCIN; TENANI, 2015, p. 478).

Em nossa pesquisa não nos atemos às atitudes dos falantes, contudo no que tange ao funcionamento da escrita, podemos entender que a prosódia se situa não somente em nível de oralidade, mas no que concerne a cadeia significativa no qual ela se situa, e em que ela significa, produzindo relações de sentido. Podemos dizer que ela produz sentido no deslizar de um significativo a outro, assim como propõe Lacan (1999). Não é a materialidade prosódica presente aqui como apreensível somente em nível de oralidade ²³que buscamos analisar, mas sim a materialidade da escrita que mostra um funcionamento prosódico na ordem da língua. Segundo Socin e Tenani (2015, p. 476-477).

A assunção de uma organização prosódica na língua implica certa posição teórica que concebe a prosódia como parte da estrutura da língua, ou seja, como representável no sistema linguístico. Essa posição é ponto central para a análise do emprego da vírgula e, mais genericamente, para a concepção de escrita que assumimos. Ela acarreta considerar que a prosódia integra a língua: a mesma língua que se tem como referencial seja quando se escreve um texto, seja quando se conta uma história numa conversa entre amigos. E em outras palavras, a língua é a mesma no uso da escrita ou da fala, enquanto o que se altera nesses diferentes usos da língua são seus modos de manifestação: gráfico para o caso da escrita e sonoro para o caso da oralidade. (SOCIN; TENANI. 2015, p. 476-477) .

²³ A oralidade, no modo como nos referimos aqui, se situa em sua materialidade vocálica, e não com um funcionamento como vimos na discussão sobre o Discurso de Oralidade. Do mesmo modo, quando estivermos nos referindo à escrita será sobre sua materialidade gráfica.

Considerando o modo como Saussure diferencia língua e fala (a partir de leituras do CLG, livro atribuído ao genebrino) e em certo momento fala do prestígio da escrita sobre a fala (oralidade/voz), vemos que esses dois caminham juntos sobre os trilhos dos estudos sobre a língua, e que, apesar dos estudos prosódicos se diferenciarem tanto no que concerne à oralidade, quanto à escrita, os diferentes caminhos nos levam a uma direção: os efeitos de sentidos produzidos nessa complexa relação.

Nesses estudos que nos levam aos sentidos, em sua relação com o mundo e o sujeito, percebemos que este fato de linguagem, no que tange a prosódia, não se limita somente a escrita normativa, regida por suas regras, as quais as questões de vírgula se enquadram, por exemplo, e sendo apenas representações da prosódia na escrita. Com as transformações tecnológicas, com a internet e seus espaços enunciativos informatizados, observamos um funcionamento prosódico na escritoralidade do espaço do digital, marcado também pela forma gráfica de/em suas palavras, chegando assim ao efeito de grito provocado através desse funcionamento na/pela escrita.

4.1 A PROSÓDIA SIGNIFICANDO NO DISCURSO DA ESCRITORALIDADE

Fizemos um apanhado para situar o leitor a respeito de como a Análise de Discurso compreende o que é a escrita partindo dos estudos de Gallo (1998), trazendo considerações sobre a escrita do digital, chegando ao que a autora denomina como escritoralidade (GALLO, 2011). Vimos que o Discurso de Escritoralidade possui um funcionamento diferente do Discurso de Escrita, que é legitimada pelos poderes institucionais, como por exemplo, a escrita de um artigo científico, que possui sua legitimidade pela instituição de pesquisa que a ampara, como uma universidade.

Na escritoralidade temos em funcionamento o Discurso de Escrita, assim como o Discurso de Oralidade, no que concerne a sua legitimação, e mesmo com esses dois funcionando em conjunto, dependendo do contexto em que a escritoralidade se formular, um irá prevalecer mais que o outro, ganhando assim destaque.

Também vimos que na escrita, assim como na oralidade²⁴, pode-se produzir a prosódia. Na escrita observamos a prosódia constituída de funcionamentos dos mais diversos, como no

²⁴ Colocamos aqui a escrita, não como aquela legitimada e a oralidade como aquela que não se é legítima, mas na sua diferenciação entre palavra falada e transcrita.

caso de pontuações ou vírgulas, e na oralidade, na palavra falada, temos a materialidade da voz marcada pelas suas entoações/entonações²⁵.

No caso da escritorialidade, a prosódia pode se manifestar de muitas maneiras, como na quantidade de letras usadas para prolongar a duração da ênfase que quer se produzir (aaaah, agooora etc.). A ênfase não está apenas para a palavra isolada, mas todo o contexto que marca uma interlocução fluida, e que para os “usuários” demonstram o quanto a pessoa está interessada, imaginariamente, na interlocução, por exemplo.

Mas essa quantidade de letras e o modo como essas ocorrências funcionam na escritorialidade não é o cerne da nossa questão, e sim o modo como a forma gráfica das palavras formuladas em Caps Lock produzem determinados efeitos de sentido.

Na escritorialidade, a Caixa Alta/CapsLock possui o mecanismo de uma entoação elevada por sobre as palavras ou sentenças, que podemos identificar em memes, posts e comentários, dos quais o último será o que vamos nos deter na análise

A prosódia se manifesta na materialidade da escrita, assim como vimos em Socin e Tenani (2015) através das vírgulas, ou seja, conforme as autoras, ela possui um funcionamento prosódico marcado na escrita pelas vírgulas. Já na escritorialidade, o funcionamento da Caixa Alta/Caps Lock nos dá pistas sobre a produção de efeitos de grito, que funcionam no nível do significante, apenas no e pelo digital, ou seja, no espaço da escritorialidade.

4.2 SOBRE A MATERIALIDADE DO GRITO

Conforme já aludimos, o modo de entonação elevada em sua materialidade prosódica apreendida em nível de oralidade, como apresentada por Vinhas (2018), é também estudada em outras pesquisas partindo de uma relação teórica entre a prosódia e o discurso. Diante de algumas pesquisas, sempre com essa relação com a entonação, e especificamente acerca da questão do grito como denúncia, nos deparamos com o trabalho de Modesto (2018), que ao analisar o grito em sua materialidade vocal, traça um percurso teórico no qual corpo e voz se tornam elementos conjuntos nessa entonação elevada, com base nos estudos de Souza (2011), precursor na pesquisa que traz essa relação entre voz e discurso:

O autor parte do princípio de que é possível vincular a sonoridade do grito a uma historicidade que, por sua vez, se vincula a uma forma de discurso.

²⁵ A cada leitura realizada sobre o assunto, dependendo da época em que foi escrito sobre a prosódia, o termo variava de entonação para entoação, vindo este último a ser mais usado recentemente.

Assim, se os sussurros se vinculam ao discurso amoroso – consideração feita a partir de uma análise de Eni Orlandi – o autor vai dizer que “gritar é implicar-se no lugar da denúncia perante o poder como dimensão discursiva que obriga e caça a palavra ao sujeito” (Souza, 2011b, p. 96). Em outras palavras, o autor é contundente em afirmar a denúncia como historicidade do grito que o vincula a um discurso de negação do outro e imposição de uma verdade. Na sequência, Souza dirá que, ao contrário do sussurro, que fecha os contornos da enunciação no âmbito do privado, “o grito, mediante o amoldamento acústico da voz, assinala a atitude de escancarar para fora não importa o que se diz e quem diz” (Souza, 2011b, p. 96). (MODESTO, 2018, p. 2019)

Ainda, segundo Modesto (2018), que trabalha com esse entrelaçamento de corpo e voz, o autor analisa alguns recortes que se marcam na oralidade, como em uma cena do filme “Ó, pai ó!”, no qual o autor coloca as imagens em que as falas são proferidas, marcando as expressões realizadas em cenas, e na sequência de seu trabalho, é realizada uma descrição da conversa proferida em que as entonações elevadas são marcadas pelas maiúsculas, assim como vimos em Vinhas (2018):

Toda construção em caixa alta sinaliza a incidência da modulação vocal que se dá pela entoação do grito. Os corpos e as vozes se desafiam em um enfretamento político das formações discursivas. Na enunciação gritada, a ausência de pausas e o texto estruturado que é quase como proclamado por Roque ganha contornos não só de lição de moral, mas de discurso de insubmissão. (MODESTO, 2019, p. 229)

De acordo com o autor, o grito funcionando juntamente com esse discurso de negação do outro e também como uma imposição de uma verdade, nos faz refletir sobre os comentários analisados neste trabalho, no qual esse “escancarar para fora” é muito mais do que uma simples vontade de pertencer, se igualar e marcar sua posição. No trabalho de Modesto (2018), o grito se marca no lugar de denúncia, de dor, de querer ser e ter o poder de dizer, de colocar para fora aquilo que as palavras não dão conta de expressar, e que a entoação elevada nessa relação com o corpo, mesmo que contraditória, traduz o lugar de quem não tem voz e nem vez.

Nos comentários que aqui trazemos, o percurso se dá pelo inverso. Os comentários formulados em Caps Lock podem produzir o efeito de grito, que se marcam pela violência à mulher, pela desqualificação de sua prática de pesquisadora, em detrimento do prestígio que é arregimentado para o homem e legitimado pelo discurso do patriarcado. E quando trazemos esse efeito de grito, marcando uma entoação elevada, ressignificando o grito para além da materialidade vocálica, compreendemos que esse “escancaramento” não se situa apenas pela sonoridade da voz, mas que o que imaginamos ser realizado somente por essa via, ao mesmo

tempo se faz convencional, é extrapolado pelo modo de funcionamento da escritorialidade, nas modalidades do discurso digital. Vejamos alguns memes que nos mostram como são produzidos esses efeitos:

26

Título 6 - Meme “Caps Lock é mais ou menos assim ...”



Figura 10 - Meme " Caps Lock é mais ou menos assim..." - Fonte: adrenaline.uol

Na figura 10 temos o meme com a formulação: “O Caps Lock é mais ou menos assim ...” que mostra um rapaz com um megafone reiterando a palavra Caps Lock, ou seja, produzindo o efeito de estar “gritando” no ouvido da moça, que receberia o efeito produzido pela dupla sonoridade da palavra escrita na relação com a imagem do megafone.

²⁶ Figura 10 Disponível em: <https://adrenaline.uol.com.br/2012/06/28/19621/feliz-dia-do-caps-lock-internet/> Acesso em 04/04/2019.

Título 7 – Meme “Tira do Caps Lock pra falar comigo”



Figura 11 - Meme " Tira do Caps Lock pra falar comigo" - Fonte: Blogspot

Na Figura 11, o enunciado “Tira do Caps Lock” pra falar comigo! se relaciona a uma cena do filme brasileiro *Tropa de Elite*, no qual o personagem principal, Capitão Nascimento, parece ser o sujeito que enuncia, o que nos dá essa pista pelos gestos faciais e corporais do personagem e por estar sendo encenada uma discussão, lugar que geralmente o grito acontece. Temos neste meme uma formulação que extrapola o efeito de grito da Caps Lock, pois temos a mídia falando da mídia, reiterando ela mesma os efeitos, ou seja, uma explicação metalinguística com a relação entre formulação verbal e a imagem.

Nas duas figuras, acima mencionadas, há uma explicação de como esse efeito é compreendido por quem recebe esse “grito” por meio da Caps Lock, porém a Caps Lock só está em funcionamento na figura 10, pois na figura 11 a palavra Caps Lock está grafada de modo convencional, produzindo um efeito ameaçador, como se somente a menção a palavra Caps Lock, independente da sua grafia em caixa alta já produzisse o efeito de grito, ou seja, uma contradição.

²⁷ Figura 11 Disponível em: <http://imagensdetododia.blogspot.com/2013/10/tira-o-caps-lock-pra-falar-comigo.html>. Acesso em 29/02/2020.

Assim, o modo como a Caixa Alta/Caps Lock funciona no espaço do digital, produz uma compreensão para a prosódia como uma espécie de grito, como se suas maiúsculas definissem a altura do tom usado das palavras grafadas no modo da escritoralidade. Esse funcionamento só é possível de identificar através da análise das condições de produção do digital, que transformaram esse modo de escrita, pois antes da tecnologia e das mídias sociais não havia essa prática da “Caps Lock” nessa forma.

Nos estudos de Vinhas (2018) sobre a materialidade prosódica, que segundo ela é apreensível apenas em nível de oralidade, vimos funcionar a Caixa Alta para marcar a entonação das palavras proferidas pelas suas entrevistadas. A Caixa Alta marca, na transcrição das falas das entrevistadas, o momento em que a sua entonação se eleva, como vemos a seguir em seu recorte analisado:

(...) “não vô dá o meu filho esse é MEU Filho”. Conforme pode ser observado na transcrição, o item lexical MEU e a primeira sílaba da palavra Filho estão em letras maiúsculas, o que significa que a entonação foi maior nesses elementos linguísticos. (VINHAS, 2018, p. 2012)

O modo como a autora se utiliza das maiúsculas para a transcrição dos enunciados não é da mesma forma como vemos no funcionamento da ênfase, no modo como aparece na formulação verbo-visual produzida pelos memes. No Discurso da Escrita, no caso da análise proposta por Vinhas, a transcrição foi usada apenas para marcar a entonação, que fica no lugar do que já se entende por uma altura elevada. A autora mostra um funcionamento prosódico que, nesse caso, serve para descrever somente as marcas de oralidade. Contudo, como já vimos, na Caps Lock, o que temos incide no modo de funcionamento da escritoralidade, que é o ponto, na cadeia significante, em que o efeito de grito pode ocorrer.

Reiteramos que o modo como a prosódia se mostra na escritoralidade é algo que vai além do que já está pré-estabelecido pelos estudos tradicionais da prosódia. Para compreender o modo como a prosódia se inscreve no Discurso de Escritoralidade, precisamos dar ênfase no que tange aos efeitos de sentidos, que segundo Lagazzi (2011):

Pensar os sentidos como efeitos produzidos sobre a cadeia significante em condições de produção é dar consequência ao primado do significante, e não apenas do significante verbal. É na relação entre a materialidade significante e a história que os sentidos se produzem. (LAGAZZI, 2011, p. 504)

Quando falamos em efeito de grito, entramos em um jogo discursivo que abarca os efeitos de sentidos possíveis, e, neste caso, um dos efeitos produzidos pela escritoralidade em

sua forma maiúscula é representada pela Caps Lock com seu efeito de grito. Para Pêcheux (1969, p. 82) o discurso não é o mesmo que informação ou transmissão e sim “(...) efeitos de sentidos entre interlocutores”. Diante disso temos o funcionamento da linguagem em relação aos sujeitos, atravessados pela língua e pela história.

Podemos, então, pensar numa dissociação entre o funcionamento da Caixa Alta e da Caps Lock? Observamos que o modo como se marca, na transcrição, como em Vinhas (2018), o funcionamento da Caixa Alta se difere do modo como vimos tal funcionamento nos memes (Figura 10 e Figura 11), marcado pela Caps Lock, e que acontece por meio das condições de produção do discurso digital.

Consideramos que o modo como os sentidos são reformulados, partindo das condições de produção do digital, tanto no modo como a escrita se ressignifica na escritorialidade, quanto na questão do funcionamento prosódico, e na maneira como se nomeia essa especificidade dividida em Caixa Alta (Discurso da Escrita) e Caps Lock (Discurso da Escritorialidade) é marcada pelo deslocamento da noção de função (da língua) para funcionamento (materialidade da língua).

Nos comentários, se constitui o espaço no qual o sujeito se posiciona, um meio de se sobressair e de marcar posição defendendo seu ponto de vista. Essa possibilidade de dizer livremente, produzindo o efeito de grito que simula uma forma de dizer com maior potência vocal, se constitui por meio da Caps Lock, que emerge no entremeio das minúsculas, pois não importa o nível ou categoria das unidades nessa perspectiva, importa o funcionamento delas no discurso (ORLANDI, 1996, p. 118).

Dessa forma, a relação entre função e funcionamento, que traz em seu bojo a concepção de língua, se configura como aquilo que Pêcheux e Fuchs (1997) designam como a materialidade da língua. Essa materialidade constitui-se a partir da noção de funcionamento não “no sentido saussuriano” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p.172), mas em oposição à ideia de função. Essa compreensão ancora-se e legitima a proposição de Saussure quando funda a noção de sistema linguístico, contudo a noção de sistema trabalha com “função” da língua (de expressar o sentido; instrumento de comunicação), enquanto Pêcheux e Fuchs propõem a noção de funcionamento, com a possibilidade de abertura desse sistema linguístico.

Orlandi (1996) explica a relação diferencial entre função e funcionamento, afirmando que o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico (se assim fosse seria a função da língua), uma

vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso.

Ou seja, a possibilidade de compreensão da Caixa Alta enquanto grito (marcado pela Caps Lock) pode se dar a partir de seu funcionamento, em sua forma material de escritorialidade, observada através de *posts*, memes e comentários, pois fora das mídias digitais a Caixa Alta teria apenas a função de marcar a entonação ou um destaque.

Na Análise de Discurso os sentidos não se dão de forma fechada, pronta e acabada, no qual todos terão o mesmo entendimento sobre relacionado texto/conteúdo, por exemplo. No caso da Caps Lock, como vimos, seu sentido está sempre em relação a marca de entonação elevada, que produz o efeito de grito, nas condições de produção do discurso digital. Contudo, nem todas as pessoas possuem esse entendimento quando entram em contato com essa formulação na escritorialidade.

No caso da escritorialidade, como vimos anteriormente, são os espaços enunciativos informatizados que legitimam esse funcionamento, portanto os sujeitos que não possuem o acesso a esse mundo digital se tornam alheios ao efeito de grito provocado pelo funcionamento da Caps Lock, e não somente aqueles que não tem acesso as mídias sociais, mas também aqueles que nasceram antes da era da WEB 2.0 podem não compreender esse processo.

Trazemos aqui alguns exemplos:

Título 12 - Conversa Whatsapp



Figura 12 - Conversa WhatsApp - Fonte: Blog "Ah Negão"

No print acima, temos dois interlocutores, no qual um está nomeado como “Vó Nilce”, logo percebemos que se trata de uma interlocução digital entre um jovem e sua avó. Diante desse contexto, o efeito de grito para o jovem é logo percebido, mas que para a avó é algo fora de seu conhecimento, colocando este como uma “gíria gay”.

Temos ainda a figura 13 que mostra a mesma ocorrência. Nesse caso, há uma interlocução entre mãe e filha, em que a mãe não compreende o que é Caps Lock:

²⁸ Figura 12 Disponível em: <https://www.ahnegao.com.br/2018/11/vovo-nao-entende-a-linguagem-da-internet.html> Acesso em 29/02/2020.

Título 8 Conversa em comentários



Figura 13 - Conversa em comentários - Fonte: BuzzFeed

Através dos espaços enunciativos informatizados, de acordo com as suas condições de produção e seus mecanismos de controle e acesso, a Caps Lock passa a funcionar, imaginariamente, através de um funcionamento prosódico, com o efeito de **grito**, principalmente nos comentários, e produz efeito não só de grito no sentido de violência, conforme a associação entre som e letra, no sentido saussuriano. O efeito de grito, assim como na “vida real”, pode produzir várias emoções, que podem ser passíveis de interpretações outras, e em ambas as situações, vida real ou digital, são as condições de produção que irão demarcar os sentidos.

^{29 29} Disponível em: https://www.buzzfeed.com/br/rafaelcapanema/maes-quase-tao-engracadas-quanto-a-sua?sub=4238569_8587668 Acesso em 29/02/2020.

CAPÍTULO V – O DISCURSO SOBRE AS MULHERES EM CAPS LOCK: UM GESTO DE ANÁLISE

Conforme já reportamos brevemente na introdução, chegamos a esse objeto de pesquisa justamente pelo Portal de Notícia da Globo (G1), através de uma matéria que apresentava uma ganhadora de um prêmio internacional intitulado “Rising Talents”, promovido pela UNESCO, prêmio esse que apenas mulheres pesquisadoras do mundo todo concorrem e que a ganhadora do ano (2017) era uma bióloga brasileira. A matéria, além de descrever como a bióloga teve dificuldade em conseguir conciliar família e pesquisa, aborda também sobre como os obstáculos são maiores para as mulheres na pesquisa, trazendo as porcentagens de mulheres atuantes nessa área, que são consideravelmente menores do que se comparado com os homens. Na matéria, a entrevistada conta como a pesquisa se dá de forma árdua, destacando o fato de ser mulher, mãe e dona de casa.

Partindo da descrição sobre a vida acadêmica e pessoal da bióloga, a matéria mostra o percentual das mulheres atuantes na ciência, que em relação aos homens se mostra bem menor. Em meio aos índices que são demonstrados e até mesmo em relação à própria vencedora de tal prêmio, o que nos chamou a atenção foram os comentários sobre a mulher, de maneira geral. Por se tratar de um prêmio honroso e de nível mundial no âmbito científico, os comentários se referiam a competência da pesquisadora e a forma como a mesma obteve tal prêmio.

Título 9 - Comentários G1 (Matéria)

Van Son
HÁ 3 MESES

Sempre querem levar pro lado de vitimização, de "machismo" e todo esse bla bla bla... essa dentre muitas outras áreas AS MULHERES SIMPLEMENTE NÃO SE INTERESSAM, não é preconceito nem nada, com0 existem muitas áreas onde as mulheres são maioria absoluta... esse papinho de feminista já deu no saco!!!! Querem sempre dividir, colocar pessoas contra outras pessoas, hj em dia é a demonização do homem, branco e hétero!!!!

👍 26 🗨️ 42 ·

Diego Rodrigues
HÁ 3 MESES

A teoria do aquecimento global só será provada quando afetar os humanos severamente.

👍 7 🗨️ 0 ·

Kaic
HÁ 3 MESES

Claro que o indice é baixo, ultimamente as mulheres ou são acompanhantes de luxo ou casam com caras ricos para n fazer nada. lamentável.... agr essa biologa é um exemplo de mulher

👍 12 🗨️ 14 ·

Figura 14 - Comentários G1 - Fonte: G1

Título 10 - Comentários G1 (Matéria)

Doutor Angelo
HÁ 3 MESES

Dormiu com muita gente pra chegar a isso, menti ?! Lamentavel...

👍 10 🗨️ 212 ·

• **VER MAIS 12 COMENTÁRIOS**

Ewerton Pinto
HÁ 3 MESES

Eu não duvido nada, aumenta as coisas para dizer que para ela é mais difícil, típico de feminista querendo aparecer, a todos que vão assumir um projeto grande e que não tem lá grande experiência é feita essa pergunta mas, para ela é motivo de machismo e mimimi de toda feminista!

👍 2 🗨️ 19

Hornblenda
HÁ 3 MESES

Quanta inveja da cientista, hein Ewerton Pinto.

👍 13 🗨️ 1

Figura 15 - Comentários G1 - Fonte G1

Os comentários das figuras 14 e 15³⁰ questionam o modo como a pesquisadora obteve o prêmio e produzem efeitos de cunho misógino e machista, uma vez que questionam a capacidade da pesquisadora de obter esse prêmio por conta de sua prática científica, atribuindo a conquista a um processo de troca por favores sexuais. O comentário que nos chamou a atenção e que nos levou a pensar o funcionamento da Caps Lock é o comentário formulado pelo “usuário” **Van Son** (localizado na figura 14). Nesse comentário, a Caps Lock marca o enunciado “AS MULHERES SIMPLEMENTE NÃO SE INTERESSAM”. Podemos visualizar a aceitação/concordância com esse comentário, pela quantidade de “gostei” (curtidas) obtidos, em comparação aos dos outros comentários. Podemos visualizar, também, a quantidade de “não gostei”.

A partir desses comentários da página do G1, procuramos no Instagram a reportagem do G1 que contivesse a mesma notícia sobre a Bióloga que ganhou o prêmio, porém não tivemos êxito nesta procura, pois a mesma não foi postada na rede social. Disso pudemos compreender algo, pois nem todas as notícias que são veiculadas em matérias no portal do G1 são repassadas para a sua página no Instagram e isso demanda uma série de questões, como quem toma conta da página, que notícias estão mais em evidência e etc. Ou seja, há diferenças entre o que se coloca em circulação num site e numa rede social, contudo essas diferenças abrem possibilidades para uma outra pesquisa, que nesse momento não é nosso foco.

No processo de composição do corpus e na pesquisa acerca de notícias sobre mulheres encontramos referência a mulheres que tiveram destaque por expor sua voz, como foi o caso de Greta Ernman Thunberg, uma ativista de oito anos de idade que teve grande repercussão nas mídias sobre sua fala na ONU. No post há apenas uma parte de sua fala e o link da matéria para o jornal³¹, e o que mais no interessa para este trabalho, o funcionamento da Caps Lock.

A jovem de apenas oito anos proferiu uma fala na Cúpula da Ação Climática nas Nações Unidas, na qual denunciou 5 das maiores economias do mundo, dentre eles o Brasil.

³⁰ Os comentários, assim como as imagens da bióloga, conforme já explicitamos, após um tempo foram deletados da matéria, portanto, não se encontram mais na página do G1.

³¹ Matéria disponível online também pelo site da Revista Veja : <https://veja.abril.com.br/mundo/voces-roubaram-meus-sonhos-e-infancia-diz-greta-thunberg-na-onu/> . Acesso em 29/02/2020.

Título 11 - Print Instagram "Veja no Insta"

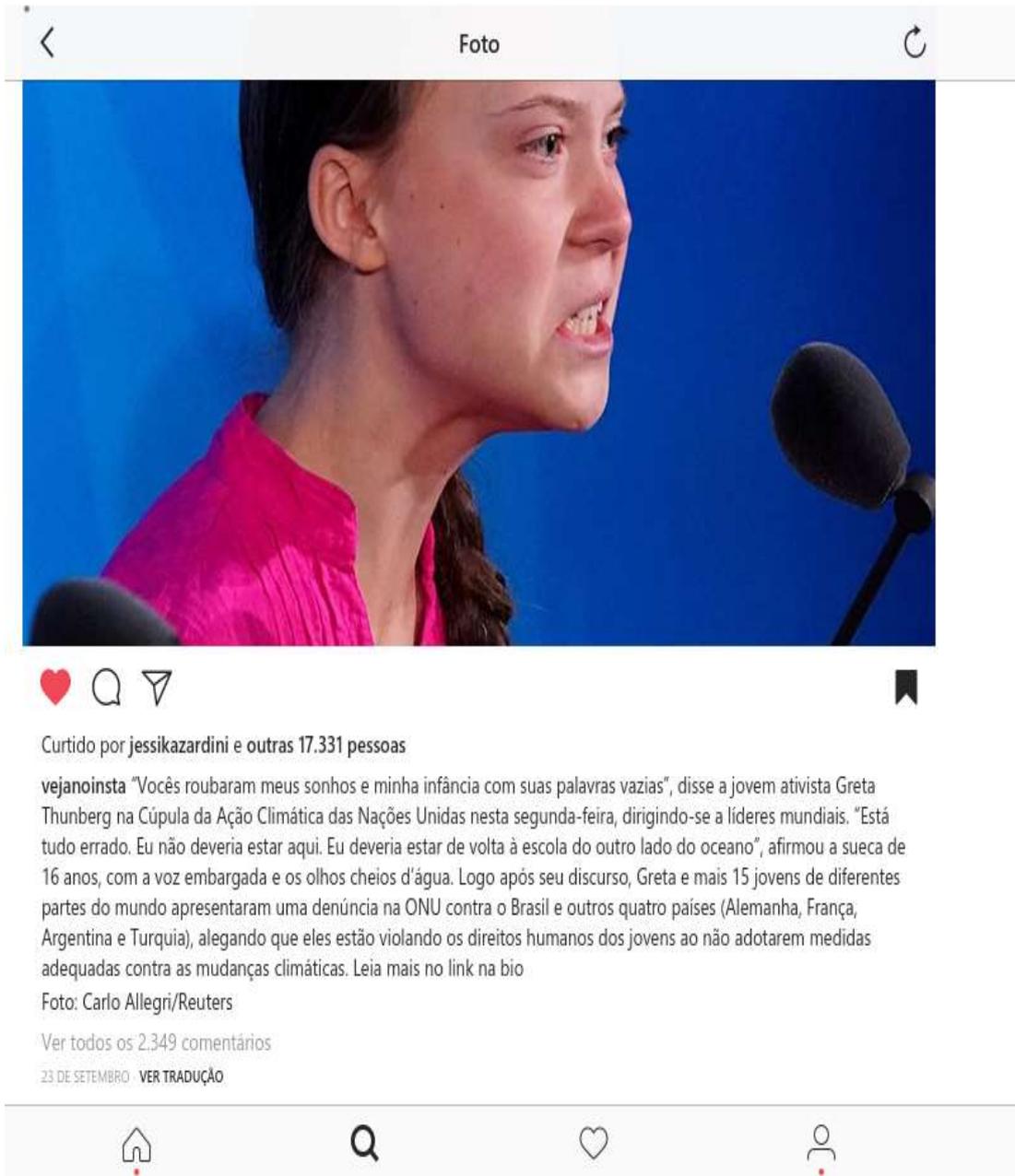


Figura 16 -Figura 16 - Post Instagram @vejanoInsta - Fonte: Instagram Revista Veja @vejanoinsta

Vejamos como a Caps Lock funciona em meio aos comentários referentes a essa página/notícia:

Título 12 - Comentário "Veja no Insta"



Figura 17 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Título 13 - Comentário "Veja no Insta"

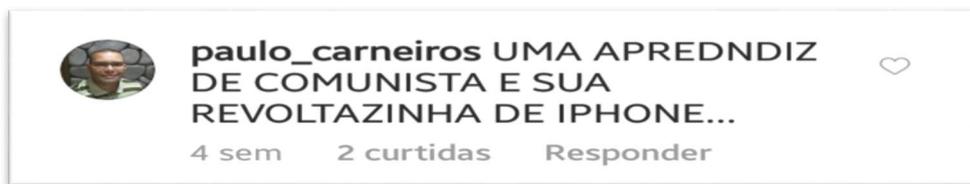


Figura 18 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Título 14 - Comentário "Veja no Insta"

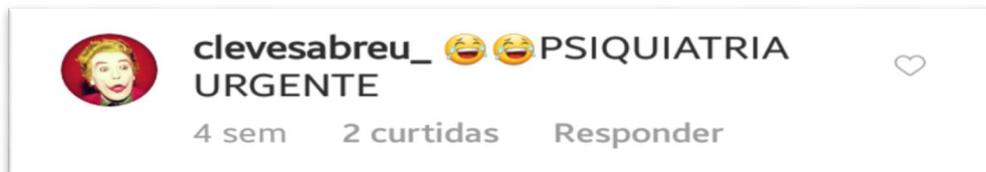


Figura 19 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Título 15 - Comentário "Veja no Insta"



Figura 20 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Título 21- Comentário "Veja no Insta"

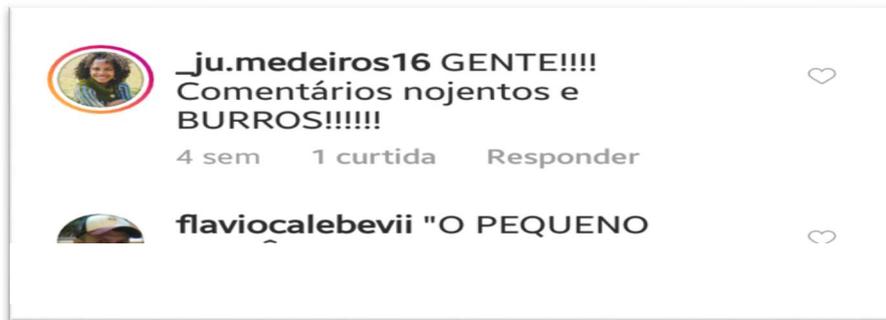


Figura 22 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Título 22 - Comentário "Veja no Insta"



Figura 21 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Título 23 - Comentário "Veja no insta"

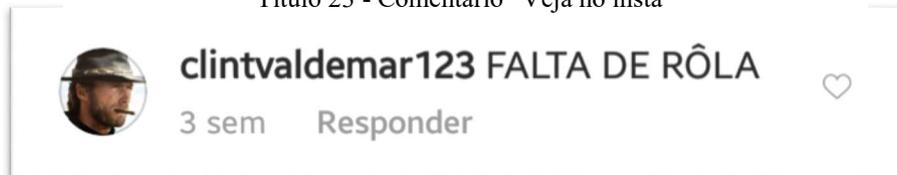


Figura 23 - Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Título 24 - Comentário "Veja no Insta"



Figura 24- Comentário no post do @vejanoinsta - Fonte:@vejanoinsta

Observamos que a Caps Lock formulada nos comentários produzem efeitos de sentido de violência dirigido ao *post* sobre a menina, através de discurso de ódio e misoginia - e alguns até produzindo efeitos do que poderíamos descrever como pedofilia. Contudo, podemos observar um comentário em defesa da garota, que comentou em Caps Lock produzindo efeitos de espanto sobre os comentários. Ou seja, os comentários ganharam uma repercussão tão

grande, tão GRITANTE, que as palavras reproduzidas na notícia e atribuídas à Greta não foram consideradas em relação à temática abordada, se observa apenas uma indignação e ataques personalizados através dos comentários que colocamos aqui a título de ilustração, visto que não é o nosso objetivo central analisar a produção de sentidos deles, mas somente dar visibilidade ao efeito de grito.

Observando os efeitos de sentido da Caps Lock como grito na produção de efeitos de raiva, exaltação ou ódio, compreendemos por contraste, que o funcionamento da Caps Lock no G1 produz efeitos de controle dos sentidos maior do que nos comentários do Instagram, conforme já mostramos ancoradas pelos estudos foucaultianos.

Os efeitos de sentidos de grito no Instagram são mais recorrentes, por ter uma gama de pessoas que estão inseridas a partir da rede social. Mesmo que a revista Veja não seja nativa da plataforma sob as demandas da Web 2.0, neste caso a revista se insere e se adequa às normas da plataforma em questão, ou seja, do Instagram, no qual a demanda de comentários é bem maior do que na página do G1, por exemplo. Assim, as condições de produção do digital determinam a possibilidade da produção dos efeitos de sentido de grito nos comentários, pelo contexto imediato dos comentários no post ou notícia.

5.1 ALINHAVANDO COMPREENSÕES:

Conhecemos até agora um pouco do funcionamento da Caps Lock nas mídias sociais, através das condições de produção que determinam este funcionamento, e a partir disso visualizamos alguns comentários de duas diferentes mídias sociais, o Portal de Notícias da Globo – G1 e a rede social/aplicativo social Instagram.

Observamos o modo como essas duas mídias se diferenciam em seu formato, principalmente no que diz respeito ao controle do que se pode formular e circular ou não. Com todos esses aspectos diferenciais, a Caps Lock produz um mesmo funcionamento prosódico que se constitui tanto em uma quanto em outra. Portanto, agora retornaremos aos comentários analisando o modo como a Caps Lock determina cada comentário.

Nessa direção, mostramos a análise de um dos comentários realizado na página do Portal de Notícias da Globo – G1, realizado pelo “Van Son” (transcrevemos abaixo o comentário para se tornar mais legível para leitura e análise):

Sempre querem levar para o lado de vitimização, de “machismo” e todo esse blá blá blá... essa dentre muitas outras áreas AS MULHERES SIMPLEMENTE NÃO SE INTERESSAM, não é preconceito nem nada, como existem muitas outras áreas onde as mulheres são maioria absoluta ... esse papinho de feminista já deu no saco!!!! Querem sempre dividir, colocar pessoas contra pessoas, hj em dia é a demonização do homem, branco e hétero!!!!

“AS MULHERES SIMPLEMENTE NÃO SE INTERESSAM”, esse é o enunciado em “destaque”, marcado pela Caps Lock, produzindo o efeito de grito em seu funcionamento prosódico no comentário acima destacado. No início do comentário, há um posicionamento perante o tema da matéria, colocando como “vitimização” o assunto tratado. Além disso, o comentário já define a posição da mulher como blábláblá e concluindo que se não há mais mulheres cientistas em determinadas áreas é porque elas não se interessam, e isso não é preconceito. O comentário ainda coloca que essa posição da mulher, conforme o efeito de leitura da matéria jornalística - produz uma divisão social que coloca as pessoas umas contra as outras e que “esse papinho de feminista” produz uma demonização para homens brancos e héteros.

Para o procedimento de análise desse enunciado, produzimos algumas sequências discursivas (SD) que o parafraseiam e que podem nos ajudar a pensar o efeito de sentido produzido na formulação-base. A entrada para a análise se dá a partir do funcionamento dos advérbios SIMPLEMENTE e NÃO, em seu batimento entre presença e ausência, em relação às paráfrases³²:

SD-Base – AS MULHERES **SIMPLEMENTE NÃO** SE INTERESSAM.

SD 1 – **NÃO** É DE INTERESSE DAS MULHERES.

SD 2 – AS MULHERES **APENAS NÃO** SE INTERESSAM.

SD 3 – AS MULHERES **NÃO** SE INTERESSAM, **SIMPLEMENTE**.

A SD-Base é marcada pelos advérbios de circunscrição e negação colocados após o sujeito, o que faz com que não haja mais nada a se questionar, não se pode dizer mais nada, o que foi formulado produz efeitos de clareza e evidência, sem possibilidade do contraditório.

³² A paráfrase (a repetição do mesmo) é condição anterior e necessária, ainda que de modo parcial, para que a polissemia (a ruptura, a inauguração de um sentido outro) possa ser efetivada. Nesse trabalho, tomamos a paráfrase como procedimento de análise.

Conforme a classificação da gramática normativa, o verbo “interessar” encontra-se no modo intransitivo direto, funcionando como se a prática de pesquisa não fosse do interesse das mulheres, em geral, produzindo um efeito de fechamento dos sentidos, pela intransitividade da formulação. Dessa forma, não haveria argumentos para contestar tal asserção.

Na SD 1, suprimimos o advérbio de circunscrição, o que produziu uma forma mais direta pela força da negação, contudo se fosse formulado dessa maneira, estaria contradizendo a matéria do G1, afinal a reportagem versa sobre uma bióloga ganhadora de um prêmio mundial. Se “não fosse de interesse das mulheres” essa matéria deveria ser considerada utópica e mentirosa e sua fonte questionável e tendenciosa. Isso vale para as sequências discursivas 1,2, 3.

Na SD2, trocamos o advérbio por outro equivalente, o que produz um efeito de sentido de justificação, não do mesmo modo fechado e regulador produzido pela circunscrição da SD-Base, o que produz um sentido equívoco, pois as mulheres podem não demonstrar interesse pela área da pesquisa, ou apenas AS mulheres não se interessam pela pesquisa. A referência ao substantivo MULHERES que NÃO SE INTERESSAM pela pesquisa produz efeitos de que, ao contrário das mulheres, seriam os HOMENS [que] SE INTERESSAM, uma vez que em relação a produção da ciência, teríamos mulheres e homens atuando como pesquisadores. Se trocarmos o substantivo feminino da SD-Base e colocarmos o substantivo masculino, vejamos:

SD 4 – OS HOMENS SIMPLEMENTE NÃO SE INTERESSAM

Trocando o substantivo feminino pelo masculino, há outros efeitos de sentido produzidos, não mais como as sequências anteriores. Ao trocar o substantivo, o enunciado produz sentidos de que há outras áreas de atuação para os homens, por isso eles não se interessam. Contudo na SD 3, com o advérbio de circunscrição SIMPLEMENTE colocado ao final do enunciado, são produzidos efeitos de sentido que abarcam o enunciado todo, ou seja, uma avaliação constativa, nesse caso, sobre todo o enunciado.

O advérbio de negação produz a determinação do advérbio SIMPLEMENTE, reforçando-o na relação com a temática da reportagem de forma contraditória. Conforme Fedatto (2013),

(...) a dissimetria entre afirmação e negação como espaço de suspensão, de resistência, de dissensão entre o intelectual e o afetivo. Essa divisão (na e pela língua) estaria na origem de todo juízo possível. Pela negação, o conflito seria elaborado como resistência a admitir, constituindo-se em um mito fundador da proposição. (FEDATTO, 2013, p. 01).

Dessa forma, o advérbio de negação na relação com o advérbio de circunscrição da visibilidade à resistência na admissão de que as mulheres se interessariam pela pesquisa, ou seja, “o que se nega é, pois, constitutivo do conteúdo negado” (FEDATTO, 2013, p. 05).

Nessa direção, podemos compreender a posição em que se inscreve o sujeito-comentador, que é a da misoginia (ódio, desprezo e preconceito em relação a mulheres), instituída pelo discurso do patriarcado, ao longo dos anos. As marcas de negação, como em “não é preconceito nem nada” mostram que essa posição misógina se constitui na contradição entre a formulação linguística da negação e uma memória discursiva que retorna pela afirmação de que há sim um preconceito histórico de base misógina que afeta as mulheres em suas diferentes posições, inclusive a de cientista. Conforme Nunes (2017): “a língua, em sua incompletude constitutiva, mostra a formulação linguística da negação condensada nas oscilações, oposições, disjunções”.

Em um artigo sobre a materialidade de comentários realizados na plataforma de vídeos Youtube, acerca do discurso sobre a tortura, Nunes (2019) analisa o funcionamento da memória discursiva das palavras “vagabundos, terroristas e comunistas” e o modo como a formulação de alguns comentários produzem a interdição de um tema, trabalhando por sua invisibilidade. Segundo a autora:

(...) os modos de compreensão do social nos comentários abrem a possibilidade de discernir os diferentes efeitos de sentidos que constituem a partir de uma posição-sujeito comentador. Essa relação entre o funcionamento da plataforma que sustenta os comentários, a linguagem e as posições-sujeito comentador é que constituem o imbricamento que dá emergência à materialidade do comentário. São as condições de produção do discurso digital, em que se correlacionam o instrumento tecnológico, a ilusão de liberdade de expressão possibilitada pela internet e as possibilidades materiais de uma plataforma que permite essa pretensa liberdade de dizer o que se quer a quem quer que seja, demonstram a consequência de compreendermos o modo de estruturação e funcionamento do comentário. (NUNES, 2019, p. 149)

Funcionamento parecido ocorre no caso da matéria publicada pelo Portal G1, em que os comentários são realizados para (tentar) justificar o injustificável, ou seja, como nos comentários de Van Son, que trouxemos neste trabalho, que justifica a matéria como algo irrelevante e sendo “papinho de feminista”, produzindo efeitos de sentidos negativos para a luta feminista. Nesse caso, a afirmação de que se trata de “papinho de feminista” funciona como tentativa de interdição dos sentidos sobre a luta das mulheres na relação com as prática científica.

O exercício parafrástico que realizamos, serve para mostrar como a materialidade linguística funciona na movência de sentidos e coloca as questões de gênero fortemente marcadas na formulação do enunciado em Caps Lock. Além disso, o efeito de grito produzido nessa formulação aponta para uma reiteração do posicionamento do sujeito-comentador em relação a sua não admissibilidade de que as mulheres se interessam sim pela pesquisa, conforme demonstra a matéria do G1.

O modo como a Caps Lock marca o funcionamento prosódico sustentando uma entonação elevada, traz a questão de gênero posta em xeque pelo funcionamento da negação. A justificativa de que existem “outras áreas onde as mulheres são maioria absoluta” esbarra na história das mulheres, de outras décadas, em que a profissão em que as mulheres poderiam ser aceitas recaia no magistério, mulheres que se tornavam professoras para outras mulheres, mas não de todas as disciplinas e nem para todas as pessoas.

Para nos reiterarmos a respeito de tudo que vimos até aqui, retomaremos às perguntas que nos nortearam para que chegássemos neste ponto do trabalho: Como é produzido o efeito de grito nos espaços enunciativos informatizados? De que modo esse efeito de grito se materializa na cadeia significante da língua?

Conforme já aludimos, a formulação em Caps Lock ganha corpo através das condições de produção do discurso digital. Esse funcionamento, marcado na forma gráfica da língua, extrapola e rompe com a convenção gramatical, ganha corpo na especificidade da escritorialidade, uma vez que o efeito de leitura produzido joga com a relação equívoca entre palavra grafada e sonoridade, construindo um efeito de grito. E é por causa das e nas plataformas digitais que conseguimos identificar essa produção de um “tom de voz elevado”, o grito, pois para que isso ocorra é necessário muito mais que as marcas já estabilizadas pela prosódia e suas funções suprasegmentais.

O efeito de grito se torna possível apenas por meio dos espaços enunciativos informatizados, e que por meio desses pode também entrar em desuso, assim como outras formas de escritorialidade que já não são mais tão usuais como antes. Assim como o efeito de grito, vários outros efeitos de sentido podem ser construídos em Caps Lock, pois os sentidos possíveis podem ser muitos, e na escritorialidade as possibilidades são muitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o percurso partindo de Saussure até chegarmos a Pêcheux, pensamos inicialmente na língua como sendo ela homogênea, fechada, e quando finalmente temos a releitura que Pêcheux faz de Saussure, esta já não se encontra neste lugar, pois o equívoco e a subjetividade estão presentes, e entramos no jogo do significante e seus deslizamentos, pensando nessa movência de sentidos que independem do significado já posto, e neste momento já começamos a pensar o funcionamento prosódico.

Assim que compreendemos esse deslocamento de função para funcionamento, pensando no nosso objeto de pesquisa e no modo como ele funciona através da escrita, partimos para então os estudos realizados por Gallo (1992) sobre o Discurso da Escrita e o da Oralidade até chegarmos aos seus estudos contemporâneos sobre a escritoralidade, e mais recentemente (e que ainda estão sendo pesquisados) sobre os espaços enunciativos informatizados (GALLO; SILVEIRA, 2017). Então pudemos compreender a historicidade da Caps Lock e a produção de seus efeitos, ou seja, o desenrolar das pesquisas realizadas por Gallo contribuíram abundantemente para este trabalho.

Na medida em que esse processo foi se dando pela pesquisa, o objeto ia se abrindo cada vez mais à frente dos nossos olhos, precisávamos conhecê-lo, enxergar além do que estava posto no material e assim desfazer as “evidências tenazes”. Então exploramos as condições de produção do nosso material, de modo que pudéssemos compreender um pouco mais o que estávamos chamando até então de Caps Lock. Após darmos visibilidade a sua historicidade e suas possibilidades de sentidos, afirmamos que o que a Caps Lock e suas maiúsculas apresentam é um funcionamento prosódico que produz o efeito de grito. Tudo isso, certamente, foi compreendido através das leituras realizadas de pesquisas na área da fonética, que procuramos nos deslocar em relação à concepção de língua imanente, bem como com apoio nos trabalhos realizados por Vinhas (2018) e Modesto (2018).

O trabalho realizado com os comentários durante o estágio, analisados neste trabalho, como dissemos na introdução, nos trouxeram até aqui. A pesquisa que realizamos sobre a Caps Lock e o funcionamento prosódico, e que nos possibilitou compreender o efeito de grito, decorreu do material que dispúnhamos naquele primeiro momento e que se tornou nosso objeto de pesquisa, que gritava para ser analisado. Todo o percurso aqui traçado foi realizado no batimento teórico entre teoria e objeto, e quando começamos por Saussure e Pêcheux, nessa

relação de entremeio com a Análise do Discurso, foi para compreender a opacidade do funcionamento da língua. Pensando no nosso objeto em todo o momento, passamos por todo esse procedimento para compreender esse funcionamento que se situa no discurso digital, lugar do qual achamos estar livres, fora das regras e convenções, mas eis que entramos novamente no jogo normativo.

Nessa direção, o modo como os comentários são realizados no Portal de Notícias da Globo é um pouco mais controlado, sendo possível realizar o comentário através da procura do *site*, da escolha da matéria e do cadastro para realizar o comentário. Neste caso, o G1 é mais controlado em relação à formulação verbal da Caps Lock, porque apresenta formas de minimizar a interlocução através dos comentários.

Já no Instagram, a abertura para a produção de sentidos outros já se torna possível, os comentários aos *posts* realizados pelas páginas privadas ou públicas são menos controlados. O modo como o Instagram funciona permite mais interlocução do que o site G1, pois é uma rede social que disponibiliza formas automáticas para os comentários, em que não há a “burocracia” de acessar o Google, pesquisar o *site*, procurar o assunto e se cadastrar para realizar o comentário. O funcionamento do Instagram permite que o acesso seja instantâneo, e não só isso, os *likes* obtidos no comentário podem despertar interesses que demandem outros comentários, como por exemplo, de uma página famosa, ou até mesmo uma figura pública.

Retomando sobre o Discurso da Escrita e o Discurso da Oralidade, assim como Gallo (2012) coloca, pensando nos efeitos de sentido possíveis diante desses dois discursos, podemos dizer que os efeitos aqui produzidos são diferentes, pois o Discurso da Escrita se situa em um lugar de prestígio no que concerne a legitimidade garantida por uma instituição, norma e etc. já no Discurso da Oralidade o efeito produzido se dá pela movência e fluidez, uma hora é aquilo, outra hora não é mais, algo que não está de fato legitimado e garantido. Sempre lembrando que essas duas tipologias do discurso podem ser representadas tanto na oralidade (em sua materialidade vocálica, ou seja a voz) quanto na escrita, como pudemos ver no capítulo dois (II), e, então, a partir disso, compreendemos alguns efeitos de sentido da escrituralidade, sendo aquela que pode estar mais inscrita no discurso de escrita, mas também no discurso de oralidade, uma vez que ambos estão ali presentes em constante funcionamento.

O que a teoria nos proporcionou ao olhar esse material através do processo de análise discursiva foi exatamente esse poder enxergar algumas coisas que só foram possíveis através desse percurso teórico que não se deu cronologicamente, mas que foi se instituindo de acordo

com os procedimentos analíticos do objeto, sempre guiado pela pergunta de pesquisa: Quando pensamos que nos espaços enunciativos informatizados (GALLO; SILVEIRA 2017), ou dizendo de maneira mais popular, nas redes sociais, estávamos livres das amarras normativas da língua, vimos que o equívoco se marcava na escritorialidade. Nos espaços enunciativos informatizados, a Caps Lock e seu funcionamento representam bem essa norma sendo inserida como uma regra básica de quem tem o contato com o universo digital, dia após dia, desde a WEB 2.0. Então, podemos dizer que esse efeito de convenção regulado pela arbitrariedade das relações sociais, assim como dizem Gadet e Pêcheux (2010), está presente também nos espaços enunciativos informatizados, e neste trabalho pudemos compreender um pouco através do funcionamento prosódico que provoca o efeito de grito através da materialidade da escritorialidade.

Por fim, este trabalho poderia ter tido vários outros percursos, uma vez que as frestas que se abrem a partir do material de leitura analisado são muitas. Contudo, o caminho que percorremos foi traçado por recortes desse material analisado, e a pergunta da pesquisa sobre esses recortes nos conduziu no processo de análise. No procedimento de análise dos comentários sobre mulheres, recortamos o funcionamento da Caps Lock e nesse funcionamento saltou aos nossos olhos uma questão de língua(gem), opaca até então. O que ainda fica desse percurso é que, talvez, várias outras possibilidades analíticas podem se abrir, a partir desse primeiro trabalho. Pois como dissemos anteriormente, no tudo dito o não todo está presente.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, G. **Discurso sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2015.
- BALDINI, L; RIBEIRO, T. **O que é a língua se a psicanálise e o materialismo histórico existem?** In: Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 38 – jul-dez 2016. p. 162-187. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao38/artigo7.pdf>. Acesso em 29/02/2020.
- COLLIN, S. M. H. **Dicionário de informática, multimídia e realidade virtual**. São Paulo – SP, Companhia Melhoramentos, 2001.
- DEZERTO, F.B. **Da Linguística Formal à Análise de Discurso: um breve percurso teórico**. In: Veredas Online. Juiz de Fora, RJ p. 64-78. 2010.
- FEDATTO, Carolina. **Inconsciente e ideologia nas formulações linguísticas do conflito**. In: VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença. Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013. Disponível

em

<http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/InconscienteEIdeologiaNasFormulacoes.pdf>. Acesso em 20/11/2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GADET, F.; HAK, T.; **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4º edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A Língua inatingível**. (Trad. Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello) Campinas, SP, Editora RG, 2º Edição, 2010.

GALLO, S. L. (1992). **Discurso da Escrita e Ensino**. Campinas - SP: Editora da UNICAMP.

GALLO, S. L. **Texto**: como apre(ender essa matéria? 1994. 214f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270673>>. Acesso em: 29/02/2020.

GALLO, S. Novas fronteiras para a autoria. In: **Organon**, Porto Alegre, RS. Nº53, julho-dezembro, p. 53-64, 2012.

GALLO, S. **Processo de Legitimação no Discurso de Escritorialidade**. In: A Análise de Discurso e sua história: avanços e perspectivas. VII SEAD. Recife, PE. 2015.

GALLO, S. **Sobre a normatização vigilante dos discursos midiaticizados**. In: 5º Simpósio Internacional LAVITS| Vigilancia, Democracia y Privacidad em América Latina: Vulnerabilidade y resistências. Santiago, Chile. p. 426-438. 2017.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. **Discurso e arquivo**: experimentações em análise do discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2003.

LACAN, J. (1999). **O Seminário, livro 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAGAZZI, S. **A EQUIVOCIDADE NA CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 497-514, set./dez. 2011.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis & CAGLIARI, Luiz Carlos (2001) Fonética. In: **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, Mussalim, Fernanda & Bentes, Anna Christina (org.). São Paulo: Editora Cortez. pág. 105-146

MICHAELIS. **Dicionário prático de inglês**. São Paulo – SP, Editora Melhoramentos, 2001.

MODESTO, Rogério. **“Você matou meu filho” e outros gritos**: um estudo das formas da denúncia. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330864> Acesso em 28/02/2020.

NUNES, Silvia Regina. **Violência sexual em mulheres durante a ditadura civil-militar no Brasil**: o testemunho e a negação. In Zoppi Fontana, Mônica G./Ferrari, Ana Josefina (Orgs). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

NUNES, Silvia Regina. **Comunistas, terroristas, vagabundos: a materialidade de comentários em vídeos do canal da comissão da verdade.** In ADORNO, Guilherme; MODESTO, Rogério; FERRAÇA, Mirielly; BENAYON, Flávio; ANJOS, Liliane; OSTHUES, Rômulo. (Orgs.). **O discurso nas fronteiras do social: uma homenagem à Suzy Lagazzi** – volume 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019

_____. **A geometrização do dizer no discurso infográfico.** Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2012. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/268938/1/Nunes_SilviaRegina_D.pdf Acesso em 28/02/2020.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas, SP, Pontes, 4ª edição, 2003.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos.** Campinas, SP, Pontes, 2ª Edição, 2005.

ORLANDI, E.P. **À contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade.** Revista RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 12ª edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

PECHÊUX, M. (1995). **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP.

PEQUENO, V. **NOS SUBSOLOS DE UMA REDE: Sobre o ideológico no âmago do técnico.** Dissertação de mestrado (IEL – Unicamp). Campinas, SP págs. 102, 2015.

SAUSSURE, d. F. (2012). **Curso de Linguística Geral.** (A. Chelini, Trad.) São Paulo: Cultrix.

SILVEIRA, J. **Rumor(res) e Humor(es) na circulação de hashtag do discurso político ordinário no Twitter.** 2015. 200f. Tese de doutorado- Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2015.

SOCIN, G.; TENANI, L. **Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas.** In: Filologia e Linguística Portuguesa. São Paulo, SP, v.17, n2, p. 473-493, 2015.

VINHAS, L. I. **É possível pensar em uma prosódia discursiva?** In: Revista Linguagem & Ensino, Pelotas, v.21, 2018 p. 187-221. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15200/9378> acesso em 20/03/2019.

Páginas acessadas:

Ah, Negão. “Vovó não entende linguagem da Internet”. Disponível em: <https://www.ahnegao.com.br/2018/11/vovo-nao-entende-a-linguagem-da-internet.html> Acessada em 29/02/2020.

Buzzfeed, “15 conversas de mãe quase tão engraçadas quanto a sua”. Disponível em: https://www.buzzfeed.com/br/rafaelcapanema/maes-quase-tao-engracadas-quanto-a-sua?sub=4238569_8587668 Acessado em: 29/02/2020.

G1, “**Foi você que escreveu isso?': conheça bióloga brasileira que ganhou prêmio global de ciência**”, disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/foi-voce-que-escreveu-isso-conheca-biologa-brasileira-que-ganhou-premio-global-de-ciencia.ghtml> Acesso em 20/07/2017.

Instagram e sua evolução, disponível em: <https://medium.com/@desabafonaweb/o-forte-e-suas-historias-119b8acf400d> Acesso em 13/11/2019

“Caps Lock é mais ou menos assim...”
<https://adrenaline.uol.com.br/2012/06/28/19621/feliz-dia-do-caps-lock-internet/> Acesso em 04/04/2019.

The New Republic, “**How Capital Letters Became Internet Code for Yelling**” disponível em: <https://newrepublic.com/article/117390/netiquette-capitalization-how-caps-became-code-yelling> acessado em 17/11/2019

The Atlantic, “**What We Talk About WHEN WE TALK ABOUT CAPS LOCK**” Disponível em: <https://newrepublic.com/article/117390/netiquette-capitalization-how-caps-became-code-yelling> acessado em 17/11/2019

TecMundo, “**CAPS LOCK: a história da tecla mais berrante de TODAS**” Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/teclado/28844-caps-lock-a-historia-da-tecla-mais-berrante-de-todas.htm> acessado em 12/09/2019

Veja no Insta (página Instagram). “**Comentários Veja no Insta**” Disponíveis em: <https://www.instagram.com/vejanoinsta/?hl=pt-br> Acesso em 29/02/2020.

Wikipédia, “Caps Lock” , Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Caps_lock . Acesso em 18/11/2019.